

CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO de JOVENS e ADULTOS

Como você pode verificar no mapa do Continente Americano que definem os territórios dessas fronteiras e fatores que dependem dentro de um país é dividida em unidades administrativas autônomas, províncias, departamentos, estados e governos. Há cultura e compreensão a sua diversidade e costumes. Os indivíduos que formam um povo são divididos territorialmente, mas que vivem sob o mesmo governo. Podemos, no entanto, encontrar muitos povos em diferentes cantos da Índia, da China, da Rússia como no caso de outros povos. São as diferenças culturais entre os povos que vivem sob a influência de um poder político central.



CIÊNCIAS HUMANAS

e suas TECNOLOGIAS >>

História

Fascículo 6
Unidades 11 e 12

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador

Wilson Witzel

Vice-Governador

Claudio Castro

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado

Leonardo Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Estado

Pedro Fernandes

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente

Gilson Rodrigues

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Coordenação Geral de Design Instrucional
Cristine Costa Barreto

Elaboração de História
Gilberto Aparecido Angelozzi
Gracilda Alves
Sabrina Machado Campos
Denise da Silva Menezes do Nascimento
Márcia Pinto Bandeira de Melo
Marcus Ajuruam de Oliveira Dezemone

José Ricardo Ferraz
Priscila Aquino da Silva
Inês Santos Nogueira
Renata Moraes
Erika Arantes
Maria José Carvalho
Rafael Cupello Peixoto
Gustavo Souza
Claudia Affonso

Revisão de Língua Portuguesa
Anna Maria Osborne
José Meyohas

Coordenação de
Desenvolvimento Instrucional
Bruno José Peixoto
Flávia Busnardo
Paulo Vasques de Miranda

Desenvolvimento Instrucional
Anna Maria Osborne

Coordenação de Produção
Fábio Rapello Alencar

Assistente de Produção
Bianca Giacomelli
Projeto Gráfico e Capa
Andreia Villar

Imagen da Capa e da Abertura das Unidades
Andreia Villar

Diagramação
Camille Moraes
Filipe Dutra
Fernanda Novaes
Larissa Averbug
Mario Lima
Núbia Roma

Ilustração
Clara Gomes
Fernando Romeiro
Renan Alves
Vinicius Mitchell

Produção Gráfica
Patrícia Esteves
Ulisses Schnaider

Sumário

Unidade 11 | Guerras e conflitos: uma disputa pela liderança? 5

Unidade 12| O Brasil e a América Latina na Guerra Fria 41

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço:
<http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos “nome de usuário” e “senha”.

Feito isso, clique no botão “Acesso”. Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!

Como você pode verificá-lo no mapa do Conselho Ameríndio, a espacialização no mapa do Conselho Ameríndio, que definem os territórios das tribos e povos indígenas, mas, a divisão territorial dos diversos países por meio de suas comunidades autônomas que dividem o território em subunidades administrativas, é que cada país, departamentos, províncias, estados e governos, cultura e compreendem a sua diversidade e diversidade. Há fronteiras internas dentro do território do Brasil, fronteiras nacionais como: língua que formam um grupo étnico comum a muitas etnias, no entanto, encontrando na extensão territorial da China, da Índia, da África, entre outras, de outros povos que vivem sob a liderança de um povo, São as chamadas sociedades "multiculturalistas", mas

A divisão territorial das tribos e povos indígenas, a depende dos critérios de um país é determinada na medida que cada país, departamentos, províncias, estados e governos, cultura e compreendem a sua diversidade e diversidade. Há fronteiras internas dentro do território do Brasil, fronteiras nacionais como: língua que formam um grupo étnico comum a muitas etnias, no entanto, encontrando na extensão territorial da China, da Índia, da África, entre outras, de outros povos que vivem sob a liderança de um povo, São as chamadas sociedades "multiculturalistas", mas

Guerras e conflitos: uma disputa pela liderança?

Fascículo 6

Unidade 11



Guerras e conflitos: uma disputa pela liderança?

Para início de conversa...

Você já assistiu aos Filmes do agente 007, o espião mais famoso do cinema mundial? O primeiro dos livros do agente 007, James Bond, foi escrito em 1953. O seu primeiro filme foi montado em 1962. Guarde estas datas. Ele sempre conseguia resolver os piores crimes, prendia os bandidos e conquistava as mais belas mulheres. Quem não queria ser o 007? Hollywood, a indústria do cinema, reproduziu nas telas um personagem que se tornou a imagem do Ocidente capitalista em luta contra o Comunismo.

Mas, por que nesse momento da História surgiu um personagem de livros de ficção que ganhou as telas e imortalizou a frase: "Meu nome é Bond, James Bond."? Mas, qual o motivo desse sucesso? Observe o cartaz do filme; veja o nome do filme! Contra quem 007 está lutando?



Figura 1: Filme “Da Rússia com Amor” (Moscou Contra 007)

Pois é, a resposta é Rússia... Mas, por quê?

Agora voltemos à questão inicial. Lembra-se das datas?! Você agora seria capaz de responder o porquê de os filmes e os livros terem sido lançados naquele momento e por que fizeram tanto sucesso? Pense nisso!

Não sei se você conhece, mas pelo menos já deve ter ouvido de alguém a expressão: “MUITO CACIQUE PARA POUCO ÍNDIO”. Você já parou para pensar o que a frase significa? Qual a lição que se pode tirar dessa sabedoria popular?

Na verdade, a frase faz referência à existência de um líder.

Líder, aquele que lidera, aquele que coordena, aquele que comanda. Para que tudo corra com certa ordem e alinhamento, o líder deve ser único, deve ser aquele que possui uma autoridade dada a ele pelos demais componentes do grupo. Pelo menos, espera-se que, por competência de coordenação, ele seja o organizador do grupo.

Mas, e no conjunto das Nações? Dos Estados? Existe um líder? Existe um comandante para essa barca que chamamos de Mundo?

Nesta Unidade, iremos saber quem eram os líderes do mundo e quem eram os Estados que organizavam as Nações. Observaremos ainda, se esses líderes foram eleitos ou impostos.

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer a Guerra Fria como parte da Ordem Bipolar;
- Identificar os conflitos entre as superpotências e os seus reflexos no mundo;
- Reconhecer na dinâmica do processo de descolonização afro-asiático os diferentes interesses dos agentes históricos envolvidos;
- Entender as razões da colonização e seus desdobramentos nos continentes africano e asiático.
- Analisar o processo histórico da Revolução Cubana;
- Avaliar os desdobramentos do bloqueio a Cuba.

Seção 1

A Guerra Fria - A ordem Bipolar

Ser um herói significa também servir de exemplo para um grupo, na escola, na família, no bairro ou no mundo. A liderança de um indivíduo pode vir da sua autoridade, do seu poder econômico, da sua forma de pensar ou até mesmo do fato de ser o mais forte.

Pois bem! Foi assim no mundo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Como você já viu nas aulas anteriores, esta guerra foi vencida pelos Aliados. E, após a vitória, três países: Inglaterra, Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) se reuniram para resolver como o mundo deveria seguir o seu caminho. Autointitularam-se os heróis do mundo. Mas, logo ficou claro que, devido a sua situação no final da guerra, a Inglaterra se retiraria do páreo deixando o papel de herói para os EUA e a URSS.



Figura 2: Churchill, Roosevelt e Stalin na Conferência de Yalta; em 1945

Como os dois pensavam e viviam de forma diferente, logo surgiu uma divisão: de um lado os Estados Unidos da América, país representante da sociedade capitalista, dono de um grande poder econômico, tecnológico e com a força das bombas nucleares, buscavam a liderança mundial. De outro lado, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que também se considerava apta a ser líder do mundo. A União Soviética, mesmo tendo saído da guerra com saldo catástrofico, representava outro tipo de sociedade: a socialista. Possuía um grande poder bélico e aspirava à corrida nuclear. Tinha a sua reconstrução como meta prioritária. Enfim, nesse quadro de disputa, nascia a **ORDEM BIPOLAR!** De um lado os EUA, de outro a URSS. Pouco a pouco os demais países foram se alinhando a um ou a outro destes dois países.

Ordem Bipolar

Durante a história que vimos até esta Unidade, sempre um país europeu tinha a liderança no mundo: Portugal, Espanha, França e, por fim, a Inglaterra. Mas, após a Segunda Grande Guerra, o mundo se organizava de outra forma, o eixo do poder mundial se deslocava da Europa para dois novos centros: Washington e Moscou. Uma forma nova de confronto passava a existir: capitalismo X socialismo. Como não existia um único eixo de poder, ou, polo de poder mundial, passamos a utilizar a expressão: Bipolaridade ou Ordem Bipolar.

Dessa forma, as disputas se iniciaram e, de um lado, os Estados Unidos lançaram em 1947 a Doutrina Truman e o Plano Marshall. E, o que significavam?

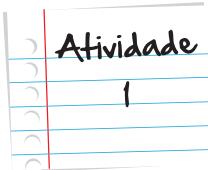
A **Doutrina Truman**, defendia o auxílio norte americano aos “povos livres”, que fossem “ameaçados” pelo Totalitarismo, tanto de natureza externa como interna.

O **Plano Marshall** procurava ajudar os países europeus devastados pela guerra, concedia empréstimos a juros baixos a governos, para que esses adquirissem mercadorias dos EUA.

Os dois planos, reafirmaram e aumentaram a divisão do trabalho entre a Europa Ocidental industrial e o Leste agrário do continente. E, assim, expandia cada vez mais o chamado *American Way of Life* (jeito americano de viver), uma sociedade de consumo.

A Guerra Fria se caracterizou, além das disputas estratégicas e conflitos indiretos, pela difusão da cultura norte-americana, que foi amplamente divulgada através dos veículos de comunicação de massa, como o cinema e o rádio. O “American Way of Life”, um padrão comportamental que expressava a felicidade e a alegria do “estilo americano de viver” passou a ser transmitido para todo o mundo.





O cinema norte-americano foi um importante instrumento de propaganda do *American Way of life*. Você por acaso se lembraria de algum filme que mostra esse jeito americano de viver? Como esse modo de vida é retratado? Quais seriam, em sua opinião, os seus pontos positivos e negativos?

Anote suas
respostas em
seu caderno

Na disputa pela liderança do mundo, a *coisa começou a pegar fogo* em 1949.

A União Soviética criou o Conselho e Assistência Mútua Econômica (**CAME** ou **COMECON**), que propunha planos de desenvolvimento para países socialistas, e ainda idealizava um mercado comum desses países.

Os EUA e os países aliados da Europa Ocidental criaram a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), um pacto de agressão defesa mútua, ou seja, quando um dos países aliados fosse atacado os demais também se sentiriam atacados e entrariam na defesa do seu aliado. Era o pretexto ideal para os EUA deixarem exércitos dentro da Europa.

Finalmente, em 1949, a Alemanha era dividida: em setembro daquele ano foi criada a República Federal da Alemanha (RFA) e um mês mais tarde a República Democrática Alemã (RDA). O mundo agora se dividia em dois blocos: os aliados dos Estados Unidos da América e os aliados da União Soviética.

Observe como o mundo se dividiu no período da Guerra Fria:

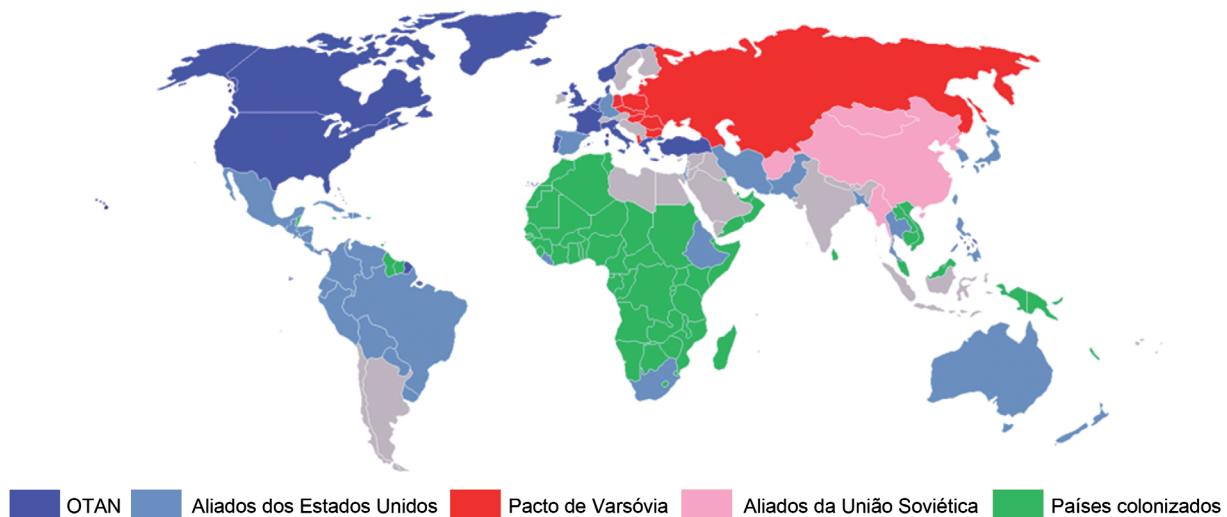


Figura 3: Mapa das Alianças em 1953

Assim, quando a União Soviética dominou a tecnologia nuclear, em 1949, e produziu a sua bomba atômica, o mundo passou a viver o que chamamos de Guerra Fria, que se desdobrou em vários períodos: “Coexistência pacífica (1950/1962)”, “A Détente e o equilíbrio estratégico” (1962-1979) e a “Segunda Guerra Fria” (1979-1985)”.

“Como uma guerra pode ser fria, em banho-maria?” - Você deve estar se perguntando.

Uma frase dita pelo historiador francês Raymond Aron pode nos ajudar a entender este contexto: *“Paz impossível, guerra improvável”*.

Essa guerra deve ser compreendida como um conflito *multifacetado*, isto é, que possui muitas partes, que tem múltiplos lados, pois pode ser analisada como um conflito ideológico entre capitalismo e socialismo.

LINHA DO TEMPO:

1950 a 1953 - A Guerra da Coreia marcava a oposição entre a Coreia do Sul e seus aliados (EUA e Inglaterra) e a Coreia do Norte, que tinha o apoio militar da China Comunista e o apoio indireto da URSS.

1959 a 1975 – A Guerra do Vietnã tem início quando o Vietnã do Sul sofre um ataque da Frente de Libertação Nacional, apoiada pelo Vietnã do Norte. Os Estados Unidos intervêm, bombardeiam o Vietnã do Norte e atacam até a população civil. Contudo, se veem obrigados a abandonar o país, em 1973, sem garantir a vitória do Vietnã do Sul devido à forte pressão interna da sociedade americana contra esta guerra e a impressionante resistência dos vietnamitas.

Década de 1960 - Os governos populistas da América Latina entraram em crise, abrindo caminho para a instalação das ditaduras militares, que contavam com o apoio ostensivo dos Estados Unidos.

1945 a 1975 - Os países europeus sofreram um enfraquecimento econômico e as colônias africanas e asiáticas iniciaram um processo de libertação que ficou conhecido como “Descolonização Afro-Asiática”.



Saiba Mais

O Muro de Berlim, conhecido também como “Muro da Vergonha”, foi um dos mais ostensivos símbolos da divisão do mundo durante a Guerra Fria e separava a cidade de Berlim em um lado comunista e outro capitalista. Sua construção começou em 13 de agosto de 1961 para impedir a grande migração dos berlindenses que até então passavam livremente do lado oriental para o ocidental, tentando fugir das dificuldades do lado socialista. Para o primeiro-ministro inglês Winston Churchill, o “Muro” era a representação física da Cortina de Ferro - expressão usada para mostrar a divisão entre as democracias ocidentais e os países comunistas da Europa Oriental. O Muro durou 28 anos e, em 09 de novembro de 1989, com a crise do sistema socialista no leste europeu e o fracasso da União das Repúblicas Soviéticas, o Muro de Berlim foi derrubado, o que colaborou com o processo de reunificação da Alemanha e representou o fim da Guerra Fria.

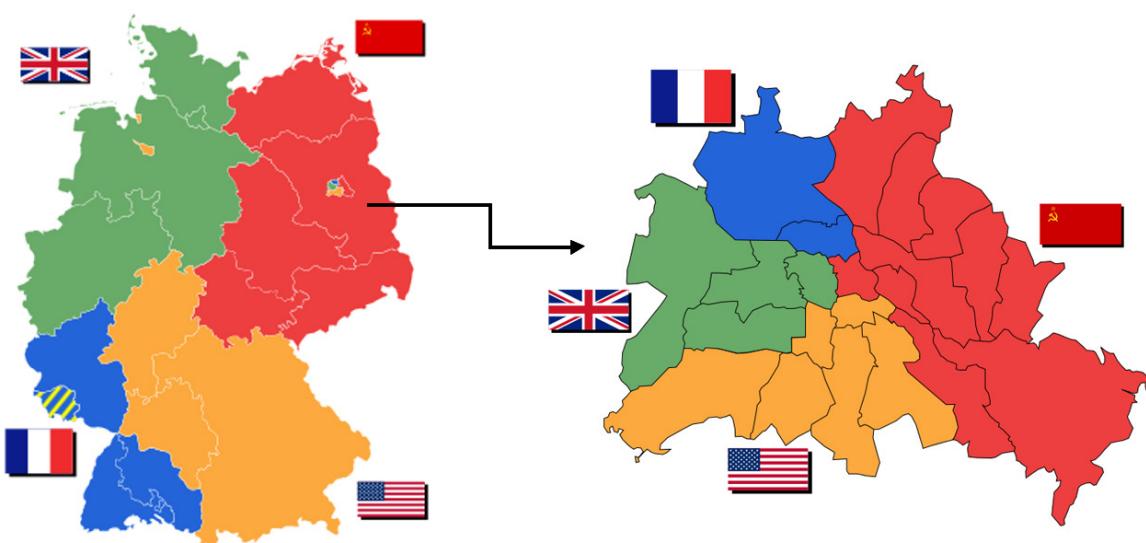


Figura 4: Zonas da ocupação aliadas na Alemanha

Figura 5: Zonas da ocupação aliadas em Berlim.

Seção 2

E a liberdade vem chegando! Será?

A Descolonização Afro-asiática.

Você sabe o que significa descolonização?

Esse termo é utilizado para representar o processo pelo qual um território recupera ou conquista sua independência. Mas será que conseguir independência é se tornar realmente livre?

Esta é a questão central desta nova seção que você começa a estudar agora!

Durante muito tempo, grande parte da África e da Ásia foi controlada pelos ricos e industrializados países da Europa que brigaram, durante anos, para que cada um conquistasse seu pedaço nessas regiões. Seus objetivos eram aumentar o poder econômico e político e garantir o crescimento industrial. Mas, e os dominados? O que poderiam fazer para se livrar desse controle?

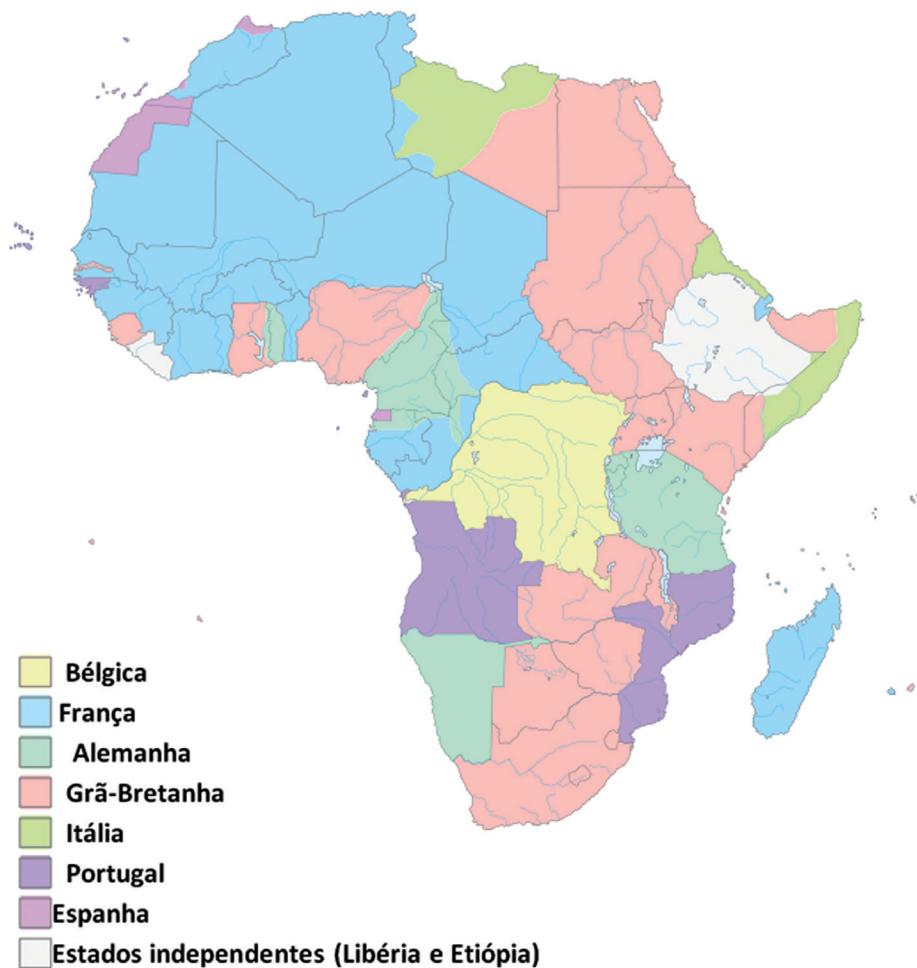
Essa luta pela independência tem como marco a chamada Conferência de Bandung, na Indonésia, realizada em 1955, logo após a Segunda Guerra Mundial, no início da chamada Guerra Fria que você acabou de estudar.

Na Conferência, foram analisados não somente os problemas e interesses das nações afro-asiáticas dominadas, mas se debateu também como elas conquistariam a independência e a liberdade.

Em Bandung, eles buscaram discutir os conflitos entre os Estados industrializados e os países pobres e exportadores de bens primários. Desse encontro, saíram quatro objetivos básicos:

- Fazer as nações afro-asiáticas cooperarem entre si.
- Estudar os problemas sociais, econômicos, políticos e culturais dos países presentes.
- Discutir a política de discriminação racial e outros problemas que ameaçassem a soberania nacional.
- Definir a contribuição dos países afro-asiáticos na promoção da paz mundial e na cooperação internacional.

Mapa da África Colonial em 1913



Descolonização da África

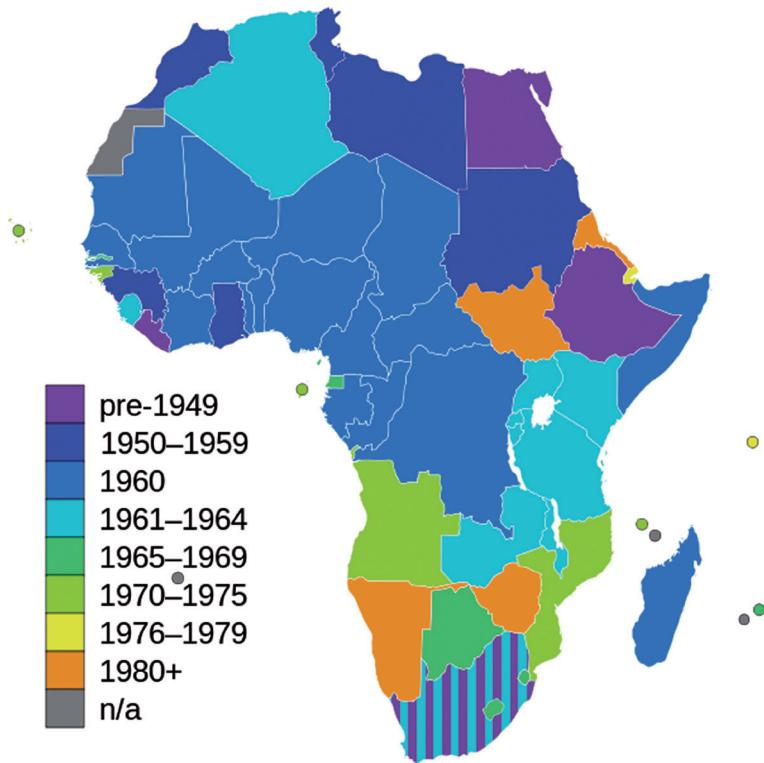
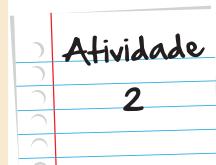


Figura 7: África: antes e depois da descolonização.

Ao comparar o mapa da África Colonial em 1913 e o relativo ao processo de descolonização, após a Segunda Grande Guerra, o que você observa em relação às fronteiras? Por que chegou a esta conclusão?



Anote suas
respostas em
seu caderno

Cada uma das nações, conhecendo sua realidade, escolheu um caminho para conquistar sua soberania política. Como pode ser observada no mapa, a tarefa não seria fácil, pois 90% do território africano no início do século XX estava sob o controle europeu. Somente a Libéria e a Etiópia eram países independentes.

Ásia, Índia, Indonésia e Indochina também sofriam com o colonialismo europeu. A Indochina era uma região de domínio francês no sudeste da Ásia, e atualmente se encontra dividida em três países: o Vietnã, o Laos e o Camboja.



Um fator que incentivou a descolonização foi a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) após a Segunda Grande Guerra, através da Carta assinada na cidade de São Francisco (EUA), em 26 de junho de 1945. A Carta estimulava o desenvolvimento de relações amistosas entre as nações, baseadas no respeito ao princípio de igualdade de direitos e de autodeterminação dos povos, que é o direito garantido ao povo de cada país de escolher, sem qualquer influência externa, como será a sua organização interna. A Carta propunha, ainda, outras medidas apropriadas ao fortalecimento da paz universal.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 10 de dezembro de 1948 também foi um documento importante para estimular a descolonização, pois representava a contradição flagrante com o Apartheid, cujas primeiras leis discriminatórias também entraram em vigor em 1948. A Declaração Universal é um documento que condena todas as formas de opressão e discriminação, defende a igualdade e a dignidade das pessoas, e afirma em seu preâmbulo que:

“Considerando que os povos das Nações Unidas reafirmaram, na Carta da ONU, sua fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor do ser humano e na igualdade de direitos entre homens e mulheres, e que decidiram promover o progresso social e melhores condições de vida em uma liberdade mais ampla (...) a Assembleia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações...”

Apartheid na África do Sul

Uma das consequências mais discutidas decorrentes do controle europeu sobre a África foi a política do APARTHEID. Desde 1910 quando se constituiu, a União da África do Sul estava sob domínio do Império Britânico, que tornou a língua inglesa oficial da região, e os negros ficaram sem direitos políticos e sociais. A União era dominada por uma minoria branca, de ascendência europeia, holandesa e inglesa. Esses grupos – que não se consideravam europeus, mas brancos africanos com direito à terra – foram os responsáveis pela adoção do *apartheid* - um regime de segregação racial adotado como política oficial, de 1948 a 1994. Neste regime, a minoria branca tolhia os direitos da maioria da população negra com o objetivo de manter o seu domínio político e econômico.

Eis algumas das várias leis que constituíram o *apartheid*: proibição do casamento entre pessoas de diferentes **etnias** (ou raças, como era usado na época); obrigação de todas as pessoas serem identificadas segundo sua raça; determinação de áreas específicas para cada um dos grupos e proibição das pessoas negras viverem ou possuírem propriedades fora desses espaços; separação de lugares públicos e serviços sociais, como saúde e educação, de acordo com as diferentes raças.

A União da África do Sul se tornou independente em 1961 e formou a República da África do Sul e, apesar da oposição dentro e fora do país, o novo governo manteve o regime do *apartheid*. Com essa política, veio um caminho de violência e do crescimento de uma intensa resistência interna que chamou a atenção do mundo e fez nascer um grande líder político: Nelson Mandela.

Etnia

Raça e etnia não são palavras sinônimas. Etnia é uma palavra de origem grega e significa povo. É um grupo de indivíduos que estão unidos por um conjunto de afinidades culturais, como língua comum, tradições, etc.

Nelson Mandela – 1º Presidente negro da África do Sul



Nelson Mandela ((18/07/1918 a 05/12/2013)) foi o mais importante líder político da África do Sul. Em 1964, foi condenado à prisão perpétua e ficou preso durante 26 anos (1964-1990). Nesse longo período em que esteve preso, Mandela recebeu apoio de vários segmentos sociais e governos do mundo todo. O aumento das pressões internacionais levou o então presidente da África do Sul, Frederik de Klerk a solicitar a sua libertação. Foi o principal representante do movimento antiapartheid, presidente da África do Sul entre 1994 e 1999 e recebeu o Prémio Nobel da Paz em 1993. Desde 2010, por recomendação da ONU, é celebrado anualmente, em 18 de julho, o Dia Internacional de Nelson Mandela. A data corresponde ao dia de seu nascimento.



Mas e o caminho para liberdade? Foi pacífico ou violento?

Cada nação escolheu dentro da sua realidade um caminho na sua busca de liberdade e independência.

Vamos verificar alguns casos:

A Índia, um dos primeiros países a iniciar o movimento de independência, teve uma figura central: *Mahatma Gandhi*. Esse líder pregava a resistência passiva e o retorno às tradições indianas anteriores à presença inglesa, iniciada em 1919. Gandhi era um pacifista e pregava a não violência e a desobediência civil, que era o boicote aos produtos britânicos e a recusa ao pagamento de impostos, como forma de resistência. Estes métodos já haviam sido empregados por ele contra práticas racistas na África do Sul, onde ele vivera. E obteve êxito em 1947, quando a Inglaterra finalmente reconheceu a independência da Índia.

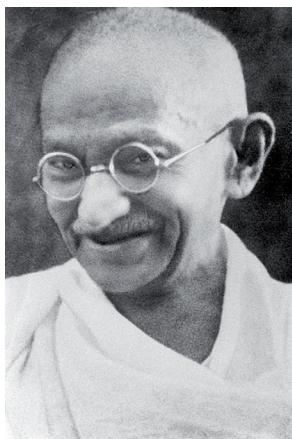


Figura 9: Mahatma Gandhi: "Grande alma" Gandhi

No continente africano, a maioria das nações conquistou sua independência na década de 60 do século XX, mas as colônias portuguesas só se tornaram independentes na década de 70.

No processo de independência de Angola, três grupos armados disputaram o poder: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), de orientação comunista, a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) de orientação anticomunista. A disputa pelo poder entre estes três grupos levou à luta armada e, em 1975, Angola foi declarada independente, com o MPLA no poder. Mas a guerra civil continuou por duas décadas, período em que boa parte da população foi dizimada e o país foi reduzido a escombros.

No processo de independência da Argélia, também houve intensa luta armada, pois a minoria de origem francesa que controlava a vida política e econômica do país se opunha à separação da França. Inúmeros e violentos conflitos, com registro de milhares de mortos e mutilados, aconteceram no processo que levaria à independência e que deixaram a Argélia completamente destruída após a independência.

Enfim, uma das consequências desse processo de descolonização é que se formou um novo bloco de países no cenário mundial: O Terceiro Mundo, que foi uma expressão surgida no contexto de rivalidades da Guerra Fria e tinha como sentido o não alinhamento dos países mais pobres ao direcionamento dos EUA e URSS, conforme foi defendido na Conferência de Bandung. Contudo não esqueça! Com o tempo essa denominação foi perdendo popularidade e caiu em desuso.

Mas, a descolonização significou liberdade?

Observe o que nos diz a historiadora Maria Yedda Linhares:

No seu nascedouro, a palavra “descolonização” já vem carregada de ideologia, parecendo definir um destino histórico dos povos colonizados: depois de ter colonizado, o europeu “descoloniza”, estando, pois, implícita a vontade do país colonizador de abrir mão de pretensos direitos adquiridos em determinado momento. A generalização do termo implica, de certa forma, uma interpretação eurocêntrica da História, ou seja, a noção de que só a Europa possui uma história ou é capaz de elaborá-la. Os outros não têm história: nem passado a ser contado nem futuro a ser elaborado. LINHARES, Maria Yedda Leite. Descolonização e lutas de libertação nacional. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). *O século XX. O tempo das dúvidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 3 v. Vol. 3: p. 41.

Na verdade, o próprio “descolonizar” não traz dentro de si a ideia de independência e liberdade. Para uma nação ou um Estado ser de fato independente deve ser autossustentável, ter soberania, autonomia no pensar, poder decidir o que fazer com seu futuro e como construirá o seu passado e sua memória.

Vamos analisar alguns dados que nos mostram como a África e a Ásia estão hoje:

Apesar de ser o terceiro maior continente do planeta e possuir uma grande diversidade étnica, cultural, social, política e econômica, a África acomoda em seu território os países mais pobres do mundo, em que a fome, a guerra, a subnutrição, o analfabetismo e a baixa expectativa de vida são uma realidade constante. Será que são realmente livres?

E se a África é tão rica e diversa, por que tão pobre (apesar de possuir grandes riquezas naturais, e também por conta disso, foi durante grande parte de sua história explorada e expropriada pelas nações mais poderosas)? A busca de matéria-prima, de mercado consumidor e de riquezas naturais vinda do extrativismo de metais até gás natural, fez desse continente alvo de ataques colonialistas e imperialistas. As nações ricas e industrializadas dividiram seu território sem respeitar etnias, culturas, nações nativas, o que deixou como herança, para esse continente, guerras civis entre grupos políticos rivais pelo controle do Estado.

Seu passado foi escondido pela ideia da superioridade da civilização europeia ou ocidental. Esta ideia de supremacia da minoria branca deixou suas marcas na maioria negra. Dona de uma imensa riqueza, a África nunca pôde desfrutar da mesma, que sempre era utilizada pelas companhias europeias e norte-americanas. Seu crescimento na área de infraestrutura foi muito marcado pela intenção de proporcionar facilidades para as grandes empresas multinacionais ou transnacionais. Esta submissão se efetiva, ainda, através de governos ditatoriais muitas vezes aliados aos interesses estrangeiros, que se eternizam no poder, às vezes de forma violenta e corrupta e que ajudam a manter esse quadro de pobreza e miséria.

Sempre servindo, o continente nunca pôde se servir de sua riqueza.

Atividade 3

Você já deve ter visto filmes sobre a atual situação da África, como “Diamante de Sangue” ou “O senhor das Armas”, que ilustram a contradição apresentada neste último parágrafo: “Sempre servindo, o continente nunca pôde se servir de sua riqueza”.

Após observar as informações presentes no mapa a seguir sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), escreva sobre como a ganância das grandes potências desde o século XV, com a escravidão dos povos africanos até os dias de hoje, com a superexploração das multinacionais norte-americanas e europeias acarretaram os graves problemas deste continente, tais como: a fome, a miséria, as epidemias, as guerras civis, os genocídios, dentre inúmeros outros.

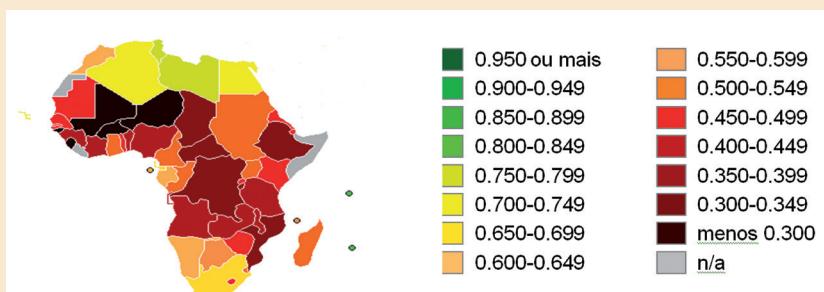


Figura 10: IDH da África

Above suas
respostas em
seu caderno

Seção 3

A Revolução Cubana



Figura 11: Ernesto Rafael Guevara de la Serna, o “Che Guevara” 1928-1967

Há de endurecer-se, sem perder a ternura.....

Será que você já ouviu esta frase? É bem provável que sim, ou que pelo menos já tenha se deparado com alguém, principalmente os jovens, usando uma camiseta com a frase ou a foto acima.

Pois bem, esta frase foi dita pelo guerrilheiro Che Guevara... Sim, é aquele mesmo representado no filme “Diário de Motocicleta” em que narra as suas inúmeras viagens pela América do Sul. Mas você sabe quem foi ele? O que defendeu? O que realizou? O que pensava?

O interesse por Che Guevara tem aumentado muito e reflete o anseio dos que buscam uma nova forma de convivência social. Ele se tornou uma referência em todas as lutas por liberdade e é considerado um símbolo de resistência contra as formas de exploração e, principalmente, contra o imperialismo norte-americano na América Latina, no período da Guerra Fria que você já estudou.

Em 1953, Fidel Castro comandou a primeira rebelião em Cuba. Porém o movimento fracassou e ele foi preso. Voltou para Havana e procurou unificar as oposições para viabilizar a realização de eleições gerais, mas diante da sua popularidade, Fulgêncio Batista o exilou e ele foi para o México, onde conheceu o jovem médico argentino Che Guevara. Estes dois homens dariam forma às suas ideias revolucionárias que culminariam na Revolução Cubana de 1959.

Revolução Cubana:

E os revolucionários estão tomando a Ilha...



Figura 12: Marcha dos revolucionários cubanos

Pois é, inicialmente, a Revolução Cubana não apresentava uma ideologia muito clara, sinalizando apenas que lutava contra a ditadura de Fulgêncio Batista, que era apoiado pelos Estados Unidos. Segundo o discurso de Fidel Castro, os objetivos dos revolucionários “nunca foram procurar glória, honras nem reconhecimentos individuais ou coletivos”, mas lutar para mudar a estrutura social do país na busca da igualdade e justiça social.

Porém, após a instalação do governo revolucionário, Fidel Castro, que se intitulava apenas Primeiro Ministro, concentrou todo o poder em suas mãos, decretou a Reforma agrária e iniciou a expropriação dos latifúndios, entre os quais predominavam os pertencentes a empresas dos EUA, como a United Fruit Company. Os bancos e as minas também foram nacionalizados.

No plano de política externa, cresceram, então, os conflitos entre o governo de Fidel Castro e os interesses norte-americanos. Cuba restabeleceu relações com a União Soviética e demais países do bloco socialista, e, pouco a pouco, acabaria se alinhando ao socialismo soviético, instalando-se, desse modo, o primeiro país com modelo socialista na América. Assim, o governo cubano foi aumentando a sua dependência das nações socialistas e, durante muito tempo, a sua economia se sustentou através de auxílios e acordos vantajosos firmados com a União Soviética.

Por outro lado, o embargo econômico, comercial e financeiro imposto a Cuba pelos Estados Unidos, isto é, a proibição das filiais estrangeiras de companhias estadunidenses de comercializar com Cuba, teve início oficialmente em fevereiro de 1962 sob a administração do presidente Kennedy. Mas, desde 1959, o ano da Revolução Cubana, existiam restrições e sanções ao comércio com Cuba. O embargo acabou levando a população cubana à carência de recursos de toda espécie, desde os artigos comuns de consumo, bens de produção e até remédios.

Não apenas as dificuldades do isolamento econômico, mas também o caráter repressivo do regime marcado por muitos assassinatos, fuzilamentos e milhares de presos políticos podem explicar o número muito grande de refugiados cubanos. Acabava o aspecto romântico e idealista da Revolução e, em muitos momentos, os abusos contra a liberdade causaram enorme indignação mundial.

Após a desintegração da União Soviética, em 1991, Cuba começou a enfrentar vários problemas de ordem econômica. Na tentativa de reverter a situação, o governo cubano começou a se abrir e até estimular alguns investimentos estrangeiros de forma moderada. Houve a reaproximação com a Venezuela, que fornece petróleo ao país, e o turismo começou a ser incentivado.

Em sua primeira visita a Cuba em 2012, a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, declarou que apoia as reformas econômicas do país iniciadas por Raúl Castro. O Brasil assinou alguns acordos para a criação de banco de dados geológicos, reforço do Centro de Tecnologia e Qualidade da Indústria Siderúrgica e criação de rede de banco de leite materno.

Depois de quase 50 anos no poder (1959 a 2008), Fidel Castro “se afastou” da presidência e seu irmão Raúl Castro, que também participou da Revolução Cubana, assumiu o cargo de presidente e promoveu uma discreta abertura, como a liberação de aquisição de computadores, embora o uso da Internet seja muito restrito.

Mas que revolução é essa? O que ela mudou? Contra o quê ela lutava?

Uma dica para responder tais questões é ler o discurso proferido por Fidel Castro em 2004:

Caros compatriotas;

Distintos convidados;

Muitos dos que tivemos o privilégio de sermos testemunhas daquele dia emocionante, ainda vivemos; muitos outros já morreram; a maioria esmagadora dos aqui presentes tinham menos de dez anos, ou não tinham nascido, ou estavam longe de nascer no dia Primeiro de Janeiro de 1959.

Nossos objetivos nunca foram procurar glória, honras, nem reconhecimentos individuais ou coletivos. Os que hoje ostentam o legítimo direito de chamar-nos revolucionários cubanos vimo-nos obrigados, porém, a escrever o que tem resultado uma página sem precedentes na história. Insatisfeitos com a situação política e social do nosso país, estávamos simplesmente decididos a mudá-la. Não era uma questão nova em Cuba, tinha acontecido muitas vezes ao longo de quase um século.

Acreditávamos nos direitos dos povos, entre eles, o direito à independência e a se rebelar contra a tirania. Do exercício de tais direitos neste hemisfério, conquistado a sangue e fogo pelas potências europeias - incluindo os massacres maciços dos aborígenes e a escravidão de milhões de africanos -, emergiu um conjunto de nações independentes, entre elas os Estados Unidos da América.

Discurso proferido pelo Presidente da República de Cuba Fidel Castro, por ocasião do Aniversário 45 da Revolução Cubana, em 3 de Janeiro de 2004.

http://www.portocomcuba.org/index.php?option=com_content&view=article&id=92&catid=39&Itemid=66

Percebeu que no último parágrafo de seu discurso, Fidel Castro diz que os revolucionários acreditavam no direito dos povos e que eles se rebelavam contra a tirania? Ele estava se referindo ao domínio que os Estados Unidos exerciam sobre Cuba desde a sua independência em 1898 e ao período em que Fulgêncio Batista exerceu o poder, desde 1933. E ainda tinha a extrema miséria e pobreza em que viviam os cubanos.



Saiba Mais

Nenhuma revolução poderia ter sido mais bem projetada para atrair a esquerda do hemisfério ocidental e dos países desenvolvidos, no fim de uma década de conservadorismo global; ou para dar à estratégia da guerrilha maior publicidade. A Revolução Cubana era tudo: romance, heroísmo nas montanhas, ex-líderes estudantis com a desprendida generosidade de sua juventude – os mais velhos mal tinham passado dos trinta –, um povo exultante, num paraíso turístico tropical pulsando com os ritmos da rumba. E o que era mais: podia ser saudada por toda a esquerda revolucionária.

Eric J. Hobsbawm, *A era dos extremos*, p. 427.

Linha do tempo

1898 – Guerra de Independência de Cuba.

1899 a 1902 – Governo de intervenção dos EUA em Cuba.

1902 – Emenda Platt.

1903 – Base militar de Guantánamo arrendada aos EUA.

1934 a 1959 – Governo ditatorial de Fulgêncio Batista.

1953 – Ataque ao Quartel de Moncada, fracassado. O advogado Fidel Castro é preso, fugindo depois.

1956 – Desembarque de Fidel Castro e companheiros em território cubano.

1958 – Duas colunas de guerrilheiros, comandadas por Cienfuegos e Che Guevara, ocupam várias cidades e povoados.

1959 – Os guerrilheiros entram em Havana e libertam a capital, Santiago de Cuba.

1960 – EUA rompem relações com Cuba. Tentativa de contrarrevolução para derrubar Fidel pela CIA.

1962 – Cuba é expulsa da OEA, dominada por países pró-EUA. Consolida-se a revolução.

Resumo

Ao final desta aula você deverá ter aprendido que:

- após a Segunda Guerra formaram-se dois polos de poder não europeus: EUA e URSS. A disputa pela liderança do mundo gerou uma Ordem Bipolar, resultando na chamada Guerra Fria;
- a Guerra Fria, não pode ser vista somente como uma disputa econômica, política e bélico-tecnológica, mas também como uma disputa ideológica (capitalismo X socialismo);
- o *American Way of Life* foi um importante instrumento de divulgação do modelo de vida capitalista;
- vários fatores levaram ao processo de descolonização da África e Ásia e que este não foi um processo uniforme;
- a Revolução Cubana representou o rompimento do domínio norte-americano na América Latina e Cuba se tornou o primeiro estado socialista no continente americano.

Veja ainda

Adeus Lênin.

No filme “Adeus Lênin” a Sra. Kerner entra em coma em 1989, pouco antes da queda do muro de Berlim, e só desperta em 1990. Ao acordar, sua cidade natal, Berlim Oriental já está bastante modificada com a Queda do Muro que a dividia. O filme registra os conflitos ideológicos que marcaram a Guerra Fria.

Ano: 2003. Direção: Wolfgang Becker

Hotel Ruanda

O filme é de 2004 e relata a história de um homem que trabalha em um luxuoso hotel, totalmente desconectado da realidade local do país (Ruanda - África). O país é uma ex-colônia belga e viveu em 1994 um grande conflito étnico. Hutus contra tutsis. Em meio ao caos, vários refugiados são abrigados nesse hotel.

Gandhi

O filme é de 1982 e conta a história de Mahatma Gandhi e, apesar de longo, é muito interessante. É relatado desde os primeiros contatos de Gandhi com a luta indiana até a sua morte, sempre ligado ao processo de descolonização. Gandhi pregou uma luta pacífica contra os colonizadores britânicos, mas acabou assassinado.

O Senhor das Armas

Em 2005, o filme mostra o fornecimento de armas para conflitos africanos.

Apocalypse Now

No contexto da Guerra Fria o filme mostra a Guerra do Vietnã, ex-colônia francesa.

Diários de Motocicleta

Um filme de Walter Salles de 2004. Baseado em fatos reais, aborda uma viagem realizada por Che Guevara e seu amigo Alberto Granado pela América do Sul, em 1952. Na época, Che era um jovem estudante de Medicina e quando chegam a Machu Pichu, a dupla conhece uma colônia de leprosos e passa a questionar a validade do progresso econômico da região, que privilegia apenas uma pequena parte da população.

Che

Longa de 2008 dirigido por Steven Soderbergh, ele tem início em 1964, quando Che chega aos Estados Unidos para discursar, em nome de Cuba, na Assembleia das Nações Unidas. Nos dias em que passa no país, Che concede entrevista a uma jornalista. O tema abordado é a Revolução Cubana, ocorrida em 1959. Esse é o enredo de Che, estrelado pelo porto-riquenho Benicio Del Toro, que interpreta o guerrilheiro.

Bibliografia consultada

- FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; Zenha, Celeste (orgs.). *O século XX: o tempo das crises: revoluções, fascismo e guerras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)*. tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LINHARES, Maria Yedda Leite. Descolonização e lutas de libertação nacional. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). *O século XX. O tempo das dúvidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SILVA, Fábio Luiz da. *História Contemporânea II*. São Paulo: Pearson. Prentice Hall, 2010.

Imagens

Figura 1: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:007FRWLposter.jpg>

Figura 2: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Yalta_summit_1945_with_Churchill,_Roosevelt,_Stalin.jpg

Figura 3: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Guerra_Fria_alian%C3%A7as_em_1947-1953.png

Figura 4: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/8/8e/Deutschland_Besatzungszonen_-_1945_1946.svg/300px-Deutschland_Besatzungszonen_-_1945_1946.svg.png

Figura 5: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Berlin_Blockade-map.svg

Figura 6: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Colonial_Africa_1913_map.svg

Figura 7: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Africa_independence_dates.svg

Figura 8: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Nelson_Mandela-2008_\(edit\).jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Nelson_Mandela-2008_(edit).jpg)

Figura 9: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Portrait_Gandhi.jpg

Figura 10: http://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia_da_%C3%81frica

Figura 11: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:CheHigh.jpg>

Figura 12: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Revolution_Map_of_progress.jpg

Atividade 1

Resposta pessoal. O objetivo desta atividade é estimular o aluno a perceber os lados positivos e negativos do *American Way of Life*, ou seja, do modelo capitalista americano de sociedade de consumo.

Atividade 2

O aluno deve ser capaz de perceber a pouca mudança no mapa da divisão política do continente africano após o processo de descolonização – uma vez que grande parte dos novos Estados africanos mantiveram as fronteiras delimitadas pelos antigos dominadores.

Atividade 3

O aluno poderá relacionar o violento processo de escravização dos povos africanos que acarretou uma forte migração forçada de parte da sua população, desestruturando o sistema político, econômico e social até então vigente na região. Este processo foi agravado, a partir do século XIX, com a dominação dos países africanos pelas potências europeias ao partilharem a África sem considerar as diversidades étnicas e culturais locais. Como resultado, percebemos, após as emancipações políticas, a permanência do controle econômico por parte dos europeus e norte-americanos, principalmente, bem como a intensa concentração de renda, as guerras civis, a miséria, a fome e as doenças.



O que perguntam por aí?

Questão 1 - (Enem 2011 - Prova Azul)

Em meio às turbulências vividas na primeira metade dos anos 1960, tinha-se a impressão de que as tendências de esquerda estavam se fortalecendo na área cultural. O Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE) encenava peças de teatro que faziam agitação e propaganda em favor da luta pelas reformas de base e satirizavam o “imperialismo” e seus “aliados internos”.

(KONDER, L. História das Ideias Socialistas no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2003.)

No início da década de 1960, enquanto vários setores da esquerda brasileira consideravam que o CPC da UNE era uma importante forma de conscientização das classes trabalhadoras, os setores conservadores e de direita (políticos vinculados à União Democrática Nacional — UDN, Igreja Católica, grandes empresários etc.) entendiam que esta organização:

- constituía mais uma ameaça para a democracia brasileira, ao difundir a ideologia comunista.
- contribuía com a valorização da genuína cultura nacional, ao encenar peças de cunho popular.
- realizava uma tarefa que deveria ser exclusiva do Estado, ao pretender educar o povo por meio da cultura.
- prestava um serviço importante à sociedade brasileira, ao incentivar a participação política dos mais pobres.
- diminuía a força dos operários urbanos, ao substituir os sindicatos como instituição de pressão política sobre o governo.

Resposta:

A resposta correta é a letra A, pois os setores conservadores do início da década de 60 acreditavam que centros culturais, como o CPC, constituíam uma ameaça aos valores capitalistas. Vale lembrar que no contexto da Guerra Fria, criticar o imperialismo norte-americano poderia ser entendido como uma forma de difundir o socialismo.

Questão 2 - (Enem 1999 - Prova Amarela)

Em dezembro de 1998, um dos assuntos mais veiculados nos jornais era o que tratava da moeda única europeia. Leia a notícia destacada a seguir.

O nascimento do Euro, a moeda única a ser adotada por onze países europeus a partir de 1º de janeiro, é possivelmente a mais importante realização deste continente nos últimos dez anos que assistiu à derrubada do Muro de Berlim, à reunificação das Alemanhas, à libertação dos países da Cortina de Ferro e ao fim da União Soviética. Enquanto todos esses eventos têm a ver com a desmontagem de estruturas do passado, o Euro é uma ousada aposta no futuro e uma prova da vitalidade da sociedade europeia. A "Euroland", região abrangida por Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Irlanda, Itália, Luxemburgo e Portugal, tem um PIB (Produto Interno Bruto) equivalente a quase 80% do americano, 289 milhões de consumidores e responde por cerca de 20% do comércio internacional. Com este cacife, o Euro vai disputar com o dólar a condição de moeda hegemônica. (Gazeta Mercantil, 30/12/1998).

A matéria refere-se à “desmontagem das estruturas do passado” que pode ser entendida como:

- a. o fim da Guerra Fria, período de inquietação mundial que dividiu o mundo em dois blocos ideológicos opostos.
- b. a inserção de alguns países do Leste Europeu em organismos supranacionais, com o intuito de exercer o controle ideológico no mundo.
- c. a crise do capitalismo, do liberalismo e da democracia levando à polarização ideológica da antiga URSS.
- d. a confrontação dos modelos socialistas e capitalista para deter o processo de unificação das duas Alemanhas.
- e. a prosperidade das economias capitalistas e socialistas, com o consequente fim da Guerra Fria entre EUA e a URSS.

Resposta: A. Todas as mudanças mencionadas no texto - a saber, a derrubada do Muro de Berlim, a reunificação das Alemanhas, a libertação dos países da Cortina de Ferro e o fim da União Soviética - são referentes ao fim da Guerra Fria, como mostra a alternativa A.

Questão 3

A África subsaariana conheceu, ao longo dos últimos quarenta anos, trinta e três conflitos armados que fizeram no total mais de sete milhões de mortos. Muitos desses conflitos foram provocados por motivos étnico-regionais, como os massacres ocorridos em Ruanda e no Burundi.

(Le Monde Diplomatique, maio/1993 - com adaptações.)

Das alternativas abaixo, aquela que identifica uma das raízes históricas desses conflitos no continente africano é:

- a. a chegada dos portugueses, que, em busca de homens para escravização, extinguiram inúmeros reinos existentes;
- b. a Guerra Fria, que, ao provocar disputas entre EUA e URSS, transformou a África num palco de guerras locais;
- c. o Imperialismo, que, ao agrupar as diferentes nacionalidades segundo tradições e costumes, anulou direitos de conquista;
- d. o processo de descolonização, que, mantendo as mesmas fronteiras do colonialismo europeu, desrespeitou as diferentes etnias e nacionalidades.

Resposta: D

Questão 4 - (FGVRJ 2012)

Até que a filosofia que sustenta uma raça
Superior e outra inferior
Seja finalmente e permanentemente desacreditada e abandonada,
Haverá guerra, eu digo, guerra.
(...)
Até que os regimes ignóbeis e infelizes,
Que aprisionam nossos irmãos em Angola, em Moçambique,
África do Sul, em condições subumanas,
Sejam derrubados e inteiramente destruídos, haverá
Guerra, eu disse, guerra.
(...)
Até esse dia, o continente africano
Não conecerá a paz, nós, africanos, lutaremos,

Se necessário, e sabemos que vamos vencer,
Porque estamos confiantes na vitória
Do bem sobre o mal,
Do bem sobre o mal...
War. Bob Marley, 1976.

A canção War foi composta por Bob Marley, a partir do discurso pronunciado pelo imperador da Etiópia, Hailé Selassié (1892-1975) em 1936, na Liga das Nações. As ideias do discurso, presentes na letra da canção acima, estão associadas:

- a. Ao darwinismo social, que propunha a superioridade africana sobre as demais raças humanas.
- b. Ao futurismo, que consagrava a ideia da guerra como a higiene e renovação do mundo.
- c. Ao pan-africanismo, que defendia a existência de uma identidade comum aos negros africanos e a seus descendentes.
- d. Ao sionismo, que defendia que o imperador Selassié era descendente do rei Salomão e da rainha de Sabá e deveria assumir o governo de Israel.
- e. Ao apartheid, que defendia a superioridade branca e a política de segregação racial na África do Sul.

Resposta: C

Questão 5 – (FGV/2011)

A Revolução Cubana, vitoriosa em 1959, teve como principal característica:

- a. A mobilização popular por meio de manifestações de massas e a organização de seguidas greves gerais que interromperam as atividades econômicas de Cuba.
- b. A prática do “foquismo”, com grupos armados que se dedicavam à luta armada caracterizada pela tática de guerrilhas.
- c. A mobilização internacional por meio de campanhas que denunciavam o desrespeito aos direitos humanos por parte do governo cubano.
- d. A intervenção soviética, que enviou tropas de apoio aos revolucionários e bombardeou bases do governo cubano.

- e. A vitória eleitoral dos revolucionários no pleito de 1958 e a gradativa implementação de medidas socializantes por Fidel Castro.

Resolução:

Os líderes do movimento proponham que pequenos grupos armados usando táticas de guerrilha, com apoio camponês, poderiam chegar ao poder; o “foco guerrilheiro”.

O movimento liderado por Fidel Castro em 1959 acabou por derrubar o ditador Fulgêncio Batista e, em 1961, Cuba tornava-se um Estado socialista, aliado à União Soviética.

Resposta: B

Questão 6 - (UFES-ES/2004)

Ao assumir a presidência dos Estados Unidos, em 1961, o candidato democrata John Fitzgerald Kennedy viu-se compelido, devido à vitória da Revolução Cubana, a reforçar o sistema pan-americano de modo a preservar a hegemonia norte-americana sobre o continente e impedir o avanço do comunismo. Com esse propósito, convocou-se a Conferência Econômica e Social de Punta Del Este, em agosto de 1961, ocasião em que foram fixadas diversas diretrizes, visando ao desenvolvimento da América Latina, com a previsão de um volume de investimentos externos da ordem de 20 bilhões de dólares, a serem desembolsados num prazo de dez anos. Esse projeto desenvolvimentista para a América Latina, gerenciado pelos E.U.A. e fruto da nova política externa implementada pelo governo Kennedy no contexto da Guerra Fria, ficou conhecido como:

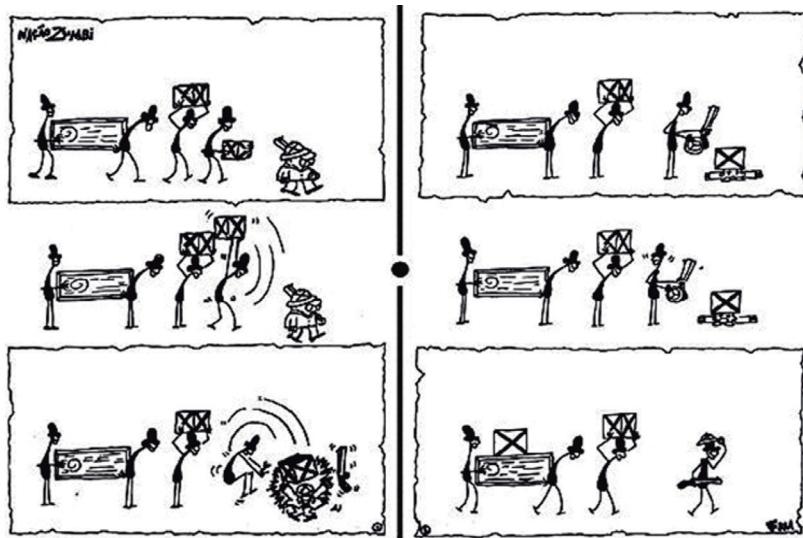
- a. Nova Fronteira.
- b. Aliança para o Progresso.
- c. Grande Estratégia.
- d. Política da Boa Vizinhança.
- e. Teoria da Contra-Insurgência.

Comentários: Objetivando conter o avanço da influência comunista na América Latina após a Revolução Cubana de 1959, os EUA tentaram se aproximar ainda mais dos países em desenvolvimento da região. Para tanto, em 1961, o presidente norte-americano John F. Kennedy criou a política da Aliança para o Progresso, que estabelecia a intensificação de investimentos financeiros norte-americanos na América Latina.

Resposta: B

Questão 7 - (UPF 2012)

Analise a charge abaixo que apresenta alguns elementos dos processos de descolonização ou libertação da África negra durante o século XX. Aponte a assertiva correta com base na imagem e na história do processo de independência das colônias africanas.



Fonte: <http://www.cantacantos.com.br/blog/wpcontent/gallery/alves/alves-nacao-zumbi.jpg>

- A descolonização foi uma iniciativa dos colonizadores, que, conscientes da importância do princípio de autodeterminação dos povos, afastam-se para deixar que cada nação africana ainda regida por europeus seja independente.
- Muitas lideranças africanas implementaram ditaduras pautadas na força quando da sua independência em relação aos europeus.
- A luta anticolonial foi estimulada pela Segunda Guerra Mundial, quando soldados das colônias foram incorporados aos exércitos nas batalhas da Europa e obtiveram direitos políticos para suas nações em função de sua participação na derrocada do nazifascismo.
- Apesar de alguns líderes africanos terem se destacado na luta pela independência, o processo foi解决ado de forma pacífica, evidenciando a conscientização de todos os envolvidos.
- O Pan-Africanismo visava congregar as nações independentes em entidades desportivas que auxiliavam na sua afirmação identitária nacional, fazendo uso da Copa da África, Copa do Mundo e Olimpíadas para reforçar a união de suas populações.

Resposta: B

Muitas lideranças africanas implementaram ditaduras pautadas na força quando da sua independência em relação aos europeus.

Questão 8 - (UFSM 2011)

"A primeira coisa, portanto, é dizer-vos a vós mesmos: Não aceitarei mais o papel de escravo. Não obedecerei às ordens como tais, mas desobedecerei quando estiverem em conflito com a minha consciência. O assim chamado patrão poderá sussurrar-vos e tentar forçar-vos a servi-lo. Direis: Não, não vos servirei por vosso dinheiro ou sob ameaça. Isso poderá implicar sofrimentos. Vossa prontidão em sofrer acenderá a tocha da liberdade que não pode jamais ser apagada." (Mahatma Gandhi)

In: MOTA, Myriam; BRAICK, Patrícia. *História das cavernas ao Terceiro Milênio*. São Paulo: Moderna, 2005. p.119.

"Acenderá a tocha da liberdade que não pode jamais ser apagada" são palavras de Mahatma Gandhi (1869-1948) que, no contexto da Guerra Fria, inspiraram movimentos como

- a. o acirramento da disputa por armamentos nucleares entre os EUA e a URSS, objetivando a utilização do arsenal nuclear como instrumento de dissuasão e amenização das disputas.
- b. a reação dos países colonialistas europeus visando a diminuir o poder da Assembleia Geral da ONU e reforçar o poder do Secretário Geral e do Conselho de Segurança.
- c. as concessões unilaterais de independência às colônias que concordassem em formar alianças econômicas, políticas e estratégicas com suas antigas metrópoles, como a Comunidade Britânica de Nações e a União Francófona.
- d. o reforço do regime de "apartheid" na África do Sul que, após prender o líder Nelson Mandela e condená-lo à prisão perpétua, procurou expandir a segregação racial para os países vizinhos, como a Rodésia e a Namíbia.
- e. o não alinhamento político, econômico e militar aos EUA ou à URSS, decisão tomada pelos países do Terceiro Mundo reunidos na Conferência de Bandung, na Indonésia.

Resposta: E



Como você pode verificá-lo no mapa do Conselho Americano, a divisão territorial das Américas é feita por fronteiras internas que dividem o território de um país em muitas comunidades autônomas que dividem o território de um país em muitas administrações autônomas. O que é dividido é dividido em muitas culturas, departamentos, províncias, estados e países. Mas, a cultura e compreensão a seu divólio é constante. Há fronteiras internas dentro do território de um país. O importante é que cada país define a sua diversidade e diversidade é diversidade. Os indivíduos que formam um país são os que vivem nesse território.

Podemos, no entanto, encontrar quaisquer tipos de povos que vivem em diferentes países, culturas, entre outros, de outros povos da China da Índia, entre outros, entre outros, que vivem sob a influência de sua história passada. São os povos que ao longo de sua história passada têm podido desempenhar um papel político central.

Territorialmente, é a fronteira interna que divide o território de um país em muitas comunidades autônomas. Mas, a cultura e compreensão a seu divólio é diversidade. O que é dividido é dividido em muitas culturas, departamentos, províncias, estados e países. Mas, a cultura e compreensão a seu divólio é constante. Há fronteiras internas dentro do território de um país. O importante é que cada país define a sua diversidade e diversidade é diversidade. Os indivíduos que formam um país são os que vivem nesse território.

O Brasil e a América Latina na Guerra Fria

Fascículo 6

Unidade 12

O Brasil e a América Latina na Guerra Fria

Para início de conversa...

Você já ouviu falar na palavra “**Democracia**”? Certamente sim, mas sabe o que significa? Será que o Brasil é hoje realmente um país democrático? Será que Democracia é ter somente o direito ao voto? Como você já viu anteriormente, a América Latina, inclusive o Brasil, viveu inúmeros períodos autoritários, em que as liberdades e os direitos dos cidadãos foram negados. Contudo, também tivemos períodos considerados democráticos. E é sobre um desses momentos que nós iremos falar agora.



Figura 1: Graúna - Homenagem ao Henfil, charge de Diego Novaes.

Democracia

Governo do povo. Na atualidade é definido como o regime político que se funda na soberania popular, na liberdade eleitoral, na divisão de poderes e no controle da autoridade.

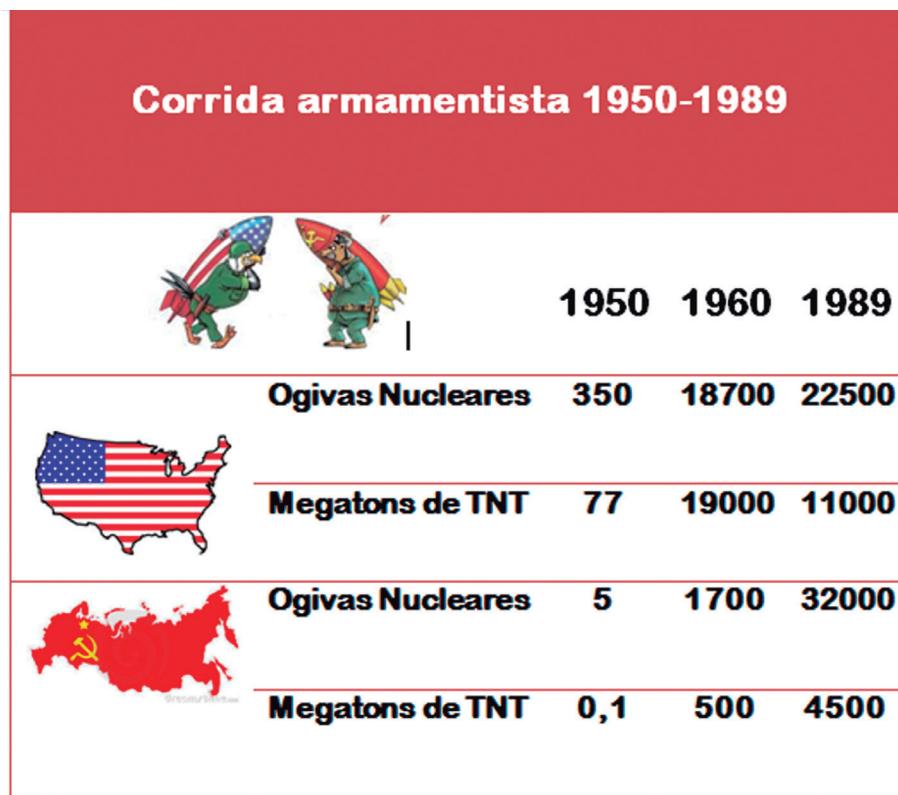
Do final da ditadura do Estado Novo, em 1945, até o golpe de 1964, o Brasil e o mundo atravessaram anos repletos de tensões que se relacionavam à Guerra Fria entre EUA e URSS. Ao mesmo tempo, nosso país viveu uma experiência democrática inédita, situada entre dois regimes autoritários. Nesses mesmos anos, o desenvolvimento nacional, isto é, o rompimento com o atraso, a pobreza e a miséria, tudo aquilo que se chamou de “subdesenvolvimento”, estava no centro dos debates e das preocupações no país. Esse não foi um fenômeno exclusivo do Brasil, mas também da América Latina, com governantes que apesar das muitas diferenças, adotaram ações semelhantes para lidar com problemas parecidos. Tratar desses quase 20 anos e dos seus impactos é o tema dessa unidade, que tem como foco nosso país e a América Latina durante a Guerra Fria.

Objetivos de aprendizagem

- Relacionar o anticomunismo na América Latina e a Guerra Fria.
- Caracterizar o populismo latino americano.
- Reconhecer os alcances e limites da experiência democrática brasileira de 1945 a 1964.
- Compreender o debate sobre o desenvolvimento do país nas décadas de 1950 e 1960.
- Reconhecer os impactos das transformações econômicas e sociais daquele período no Brasil de hoje.

Seção 1

O Brasil e a América Latina na Guerra Fria



Adaptado por Gilberto A. Angelozzi a partir de <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=28705>



Figura 2: Conflitos e embates pós-Segunda Guerra Mundial - Diários de Motocicleta

Conforme podemos observar nas imagens anteriores, o fim da Segunda Guerra não levou a uma era de paz e segurança. Longe disso, em pouco tempo, a aliança militar entre os Estados Unidos (EUA) e a União Soviética (URSS) contra o nazi-fascismo deu lugar a disputas e tensões que marcaram o mundo até 1991 com a Guerra Fria. E, claro, a América Latina não atravessou esses anos isoladamente. Ao contrário. Ela esteve no centro da mais grave crise do período que deixou o mundo à beira de uma guerra nuclear entre as duas superpotências: a crise dos mísseis em Cuba, em 1962.

Na Unidade 11, vimos que durante a Guerra Fria foi estabelecido um pacto de ajuda militar entre os países europeus. Se alguma nação fosse atacada, as suas aliadas entrariam no conflito para ajudá-la. Você se lembra disso?

Na América Latina, algo semelhante ocorreu. Para compreendermos como isso aconteceu, é preciso retornar ao início da Guerra Fria, quando os EUA preocuparam-se em promover a construção de um sistema de segurança interamericano. A ideia era proteger o continente de uma agressão militar estrangeira, que supostamente poderia partir da URSS, ao mesmo tempo procurava conter a influência ideológica comunista, contrária aos valores e ao modo de vida norte-americanos.

Como parte dessa estratégia, em 1947, foi realizada em Petrópolis, no Rio de Janeiro, uma conferência que contou com a presença do então presidente dos EUA, Harry Truman (1945-1953) e de seu Secretário de Estado, o general George Marshall, responsável pela condução da diplomacia estadunidense. Nessa conferência, foi criado o TIAR (Tratado Interamericano de Assistência Recíproca), uma aliança militar defensiva, ainda hoje em vigor, que previa uma reação conjunta de todos os países que o assinaram, em caso de agressão estrangeira a qualquer país membro.

No ano seguinte, em Bogotá, na Colômbia, uma nova conferência reunindo os países do continente criou a OEA (Organização dos Estados Americanos). Essa organização, que é atuante até hoje, pretendia promover uma maior integração entre os países do continente americano e assegurar a defesa de valores democráticos e dos direitos humanos. Porém, nos anos seguintes, para conter o avanço do comunismo e a influência soviética, esses aspectos foram relegados a segundo plano. A OEA foi deixando de condenar regimes autoritários e violentos que foram instalados no continente como os da Nicarágua, comandada pela família Somoza (1936-1979); o do Haiti, com François Duvalier, conhecido como Papa Doc (1957-1971); e o da República Dominicana, com Rafael Trujillo (1930-1961). Em comum, além da violência diante das suas populações e dos opositores políticos, havia uma submissão aos interesses econômicos estrangeiros que favorecia os interesses dos EUA nesses países. Assim, ao posicionarem-se na OEA, esses regimes contribuíram para impedir o avanço de ideias socialistas, tanto internamente, quanto no continente.

No Brasil, o anticomunismo ganhou muitos adeptos. Ainda na década de 1940, temendo-se o avanço eleitoral dos comunistas, durante o governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), em 1947, houve a cassação do registro eleitoral do PCB (Partido Comunista do Brasil). A alegação era de que o partido, recém-saído da clandestinidade, em 1945, agia a serviço da URSS. Os políticos eleitos perderam seus mandatos, dentre os quais, Luiz Carlos Prestes, que era senador pelo Rio de Janeiro, e os deputados comunistas Carlos Marighela e Jorge Amado, famoso escritor baiano.



Saiba Mais

Jorge Amado é autor de grandes obras como Gabriela, Cravo e Canela, Dona Flor e seus dois maridos e Tia do Agreste. Você conhece estes livros? Se não, esta é uma boa oportunidade de lê-los!

O temor do “avanço comunista” levaria o Brasil a uma decisão exagerada, que sequer foi adotada pelos EUA durante a Guerra Fria: o rompimento de relações diplomáticas com a URSS, em 1947.



Importante

Tais relações entre Brasil e URSS que começaram em 1945, a pedido dos EUA, ainda devido à aliança da Segunda Guerra, só seriam reestabelecidas em 1961, durante o governo de João Goulart (1961-1964). Apesar da decisão ter sido tomada pelo antecessor do presidente Goulart, Jânio Quadros, que governou apenas de janeiro a agosto de 1961, o reestabelecimento de relações diplomáticas com o país líder do bloco comunista foi muito criticado.

Durante a década de 1950, tanto o presidente Getúlio Vargas (1951-1954) quanto Juscelino Kubitschek (1956-1961) tentaram obter algum tipo de vantagem com o apoio brasileiro aos EUA, tal como já tinham conseguido antes, não podemos esquecer da ajuda financeira para construir a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional). Sem dúvida, esses governos tinham em mente o Plano Marshall, que injetou no continente europeu bilhões de dólares em investimentos.

Mas quais eram os interesses dos EUA ao oferecer ajuda à Europa recém-saída da Segunda Guerra?

O objetivo do plano de 1947 era reconstruir as economias europeias e, ao mesmo tempo, impedir o avanço de ideias socialistas. Eles acreditavam que uma população com estabilidade e segurança não precisaria recorrer ao comunismo, que pregava a justiça social e buscava melhores condições de vida para a população, para resolver seus problemas. Assim, um país capitalista – os EUA – oferecia possibilidades de resolução dos problemas sociais e econômicos dentro do próprio sistema capitalista.

Para o governo dos EUA, a destruição e a crise gerada pela Segunda Guerra, bem como a proximidade territorial dos países europeus com a URSS e outros países comunistas era uma diferença significativa que justificaria os investimentos. Por outro lado, os países latino-americanos, que faziam parte de organizações como a OEA e eram aliados dos EUA pelos acordos e ajuda militar, ofereceriam um risco menor de se voltar para o socialismo. O perigo existia na América Latina, mas era menor se comparado à Europa.

Será que toda essa preocupação com o Velho Continente (Europa) continuaria sendo maior do que o cuidado com os vizinhos (América) durante todo o período da Guerra Fria? A resposta é não. Mas então o que aconteceu para que houvesse essa mudança?

Tudo isso mudou após 1959 e em especial, depois de 1961, quando a Revolução Cubana declarou seu caráter socialista. Como visto na unidade anterior, a ilha caribenha com o seu bem sucedido movimento passou a funcionar como um exemplo que poderia ser seguido pelos países da região. O caso cubano, mais do que nas décadas anteriores, deixou clara a possibilidade do surgimento de regimes socialistas no continente.

Para tentar impedir que Cuba se transformasse nesse modelo a ser seguido, em 1962, exilados cubanos descontentes e treinados pela CIA, a Agência de Inteligência dos EUA, tentaram invadir a ilha e derrubar o novo governo. Derrotados, os que não morreram foram presos e obrigados a se retirar. Mas o pior, para o governo dos EUA, ainda estava por vir: a Crise dos Mísseis em Cuba, em 1962. O fato é que a URSS, grande rival dos EUA, tinha agora um grande aliado no continente americano. E nesse jogo de alianças e rivalidades, o líder cubano Fidel Castro conseguiu convencer o dirigente da URSS, Nikita Krushev, a instalar mísseis soviéticos na ilha. As armas teriam alcance para atingir grandes cidades dos EUA como Nova Iorque. Com a descoberta pelo governo estadunidense da construção das instalações para abrigar os mísseis, o então presidente dos EUA, John Kennedy (1961-1963), dirigiu-se à população do seu país em cadeia nacional de TV para falar do risco da eclosão de uma guerra atômica, caso os soviéticos não retirassem os mísseis de Cuba. Depois de muita tensão e negociações, os soviéticos concordaram em retirar o armamento.



Figura 3: Charge ilustrando a crise dos mísseis

Adaptado por Gilberto A. Angelozzi a partir de http://www.washingtonpost.com/wp-adv/advertisers/russia/articles/features/20090826/the_american_arrival.html

Temerosos dos riscos de surgimento de novos regimes alinhados à URSS na região, o governo dos EUA liderou uma bem sucedida campanha de isolamento da ilha que, dentre outras ações, levou à suspensão de Cuba da OEA, em 1962. Os Estados Unidos também não hesitariam em apoiar e financiar campanhas de desestabilização contra governos considerados simpáticos aos comunistas. Chegariam mesmo ao ponto de planejar operações de desembarque de armas e tropas para impedir que novos governos socialistas pudessem surgir, repetindo ameaças como a da crise dos mísseis. Mas não foi só isso que mudou na América Latina após a Revolução Cubana: as elites locais, temendo a ameaça comunista que segundo elas colocavam em risco seu patrimônio e era sinônimo de desordem, passaram a tratar manifestações legítimas como movimentos com a capacidade de ameaçar a ordem vigente e promover a implantação das ideias comunistas. Por esse motivo, as mobilizações sociais deveriam ser contidas.

Nos meios militares latino-americanos, cuja formação de oficiais assumia uma crescente influência estadunidense, ganhava cada vez mais força a Doutrina de Segurança Nacional. Criada nos EUA na segunda metade dos anos 1940, a Doutrina afirmava que o inimigo não estava mais no exterior, mas dentro do território nacional, a espreita, infiltrado, e pronto para agir. O inimigo era a parte da população simpatizante das ideias socialistas. Essa tese do “inimigo interno” foi usada pelos setores militares conservadores para gerar desconfiança em relação às mobilizações e convencer a população dos perigos e danos dos movimentos sociais de contestação à ordem estabelecida. É nesse contexto, por exemplo, que ganha força a perseguição aos opositores do governo brasileiro, e assim os comunistas foram colocados na ilegalidade durante o governo de Getúlio Vargas.

Os governos populistas na América Latina

Durante as décadas de 1930, 1940 e 1950, surgiram governos na América Latina que afastaram-se das orientações liberais e, ao mesmo tempo, viam com grande preocupação o poder e os interesses dos EUA na região. Em grande medida, por conta dos efeitos da crise de 1929, com a queda brusca dos preços agrícolas, muitos países com economias baseadas na agricultura atravessaram graves crises. Ao mesmo tempo, houve crises políticas devido ao enfraquecimento de grupos políticos tradicionais e a emergência de novos grupos urbanos como industriais, trabalhadores e classes médias

Foi nessa conjuntura, como uma alternativa ao modelo liberal e ao alinhamento automático com os EUA já na Guerra Fria, que chegaram ao poder governos que seriam considerados pelos historiadores como integrantes do **Populismo Latino Americano**.

Populismo

Tema controverso, complexo, que recebeu várias interpretações e suscitou muitas polêmicas na historiografia, o populismo pode ser entendido, em especial para o caso da América Latina, como expressão da emergência das classes populares no cenário político. Uma crise aguda no sistema liberal-oligárquico, ocorrida a partir da crise de 1929, provocou uma crise de hegemonia - isto é, quando nenhum grupo político tem força suficiente para assumir o poder - oferecendo a possibilidade do surgimento dos regimes populistas na América Latina. O populismo pode ser visto ainda como uma forma de governar, na qual o governante utiliza vários recursos para obter apoio popular como: linguagem simples e popular, propaganda pessoal, comportamento carismático.

Apesar das inúmeras diferenças, esses governos lidaram com problemas bastante semelhantes após a Crise de 1929 e adotaram algumas ações muito parecidas. São os casos de Getúlio Vargas no Brasil (1930-1945 e 1951-1954); Lázaro Cárdenas no México (1934-1940); Juan Domingo Perón na Argentina (1946-1955 e 1972-1973), entre outros.

Quais seriam os aspectos comuns em sociedades aparentemente tão diferentes? Em primeiro lugar, diante da crise econômica e da descrença no liberalismo econômico, esses governos procuraram promover uma forte intervenção do Estado na economia. Essa intervenção visava reduzir a dependência dos países do modelo agroexportador, que tinha evidenciado toda sua fragilidade com a Crise de 1929 e a queda brusca do preço dos gêneros agrícolas. Como forma de reduzir essa dependência, os Estados passaram a estimular uma diversificação agrícola e também apoiaram um processo de industrialização. Tem-se aqui outra característica comum dessas experiências. Em maior ou menor medida, procuraram criar empresas, controladas pelo Estado, que atuariam em setores estratégicos das suas economias, como a **indústria de base**. No Brasil foi criada a Petrobras (1953) e no México, a PEMEX (1938), ambas estatais petrolíferas.

Indústria de base

Também conhecida como indústria de bens intermediários ou pesada. É responsável pela produção de matéria prima necessária para outro setor industrial. É formada, principalmente, pelos setores da siderurgia, metalurgia, petroquímica e cimento.

Outra característica importante desses governos era o nacionalismo. A geração que chega ao poder nas décadas de 1930 a 1950 acompanhou de perto, no começo do século, a política de intervenções militares dos EUA na América Latina. Iniciada no governo do presidente Theodore Roosevelt (1901-1909), essa política ficou conhecida como **Big Stick**, a política do Grande Porrete.



Saiba Mais

Big Stick

A expressão “Big Stick” vem de um ditado africano que poderia ser traduzido como “fale mansamente, mas carregue nas mãos um grande porrete”, e que, aplicado às relações internacionais, preconizava uma diplomacia que poderia negociar, mas que também estava pronta para usar a força.



Figura 4:



Figura 5:

Essa política visava manter a América Latina submetida aos interesses dos EUA, usando a força se necessário.

Além disso, na década de 1930, os países em crise acirraram o protecionismo **alfandegário** e colocaram os seus interesses internos acima das relações amigáveis com outros Estados. Com isso, tem-se uma preocupação em proteger a nação do interesse estrangeiro, considerado como contrário e prejudicial aos interesses nacionais, tanto no sentido político quanto econômico. É, por exemplo, nesse contexto que Vargas determina a nacionalização do subsolo e no seu segundo governo inicia a campanha de nacionalização do petróleo com o slogan “o petróleo é nosso” que resultará na criação da PETROBRAS, em 1953.

Alfandegário

Relativo à alfândega; aduaneiro, isto é, administração ou repartição pública onde se registram as mercadorias importadas e exportadas, cobrando-lhes os respectivos direitos.

Por fim, um último aspecto observado nesses governos foi a produção e a divulgação de uma legislação trabalhista voltada para os trabalhadores urbanos. Medidas para os trabalhadores rurais foram mais consistentes apenas no México. Esse esforço não só atendia a reivindicações de trabalhadores organizados que eram feitas desde o começo do século XX, mas também significava uma tentativa desses governantes de obterem apoio político. Com leis de proteção ao trabalho e ao trabalhador diante dos abusos dos patrões, e a criação de direitos nas relações de trabalho, tais líderes valorizavam de forma inédita esse segmentos sociais e com isso passaram a ter forte apoio popular. Isso ajuda a entender o porquê de ocuparem um lugar de destaque na memória de muitos daqueles que viveram a época.

É interessante destacar que essas medidas não apagam as ações autoritárias e antidemocráticas tomadas por esses governos, como o Estado Novo no Brasil (1937-1945), mas moldam um quadro complexo de integração da América Latina com o mundo, tanto antes da Segunda Guerra, quanto durante os primeiros anos da Guerra Fria.

O comunismo, não é canja não!

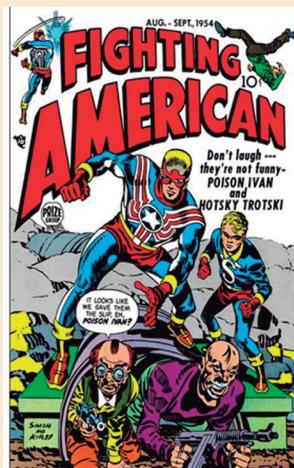
Observe o Anúncio da Cruzada Anticomunista publicado na edição do dia 29 de junho de 1955.



Is this tomorrow: America under communism ! ("Este será o amanhã: a América sob o comunismo !"), revista em quadrinhos de propaganda anticomunista de 1947



Capa de "A Quand Notre Tour". Revista em quadrinhos canadense. Observe a mão monstroso tentando envolver a cidade cuja manga da camisa tem a foice e o martelo



Edição de 1954 do Capitão América apresentava um tom anticomunista, que pode ser percebido nos nomes russos de seus inimigos: "Poison Ivan" (algo como Ivan Venenoso) e Hotsky Trotsky (referência ao revolucionário comunista Leon Trotsky)

Atividade

1

Atividade

1



No anúncio da primeira imagem, podemos ler o seguinte texto:

"O Festival Mundial da Juventude, que pretendem realizar em Varsóvia, Polônia Soviética, em agosto, é patrocinado pelo comunismo internacional, o mesmo grupo bolchevista que foi expulso do Chile, e do Brasil em fevereiro deste ano. Um dos orientadores do festival é o deputado Frota Moreira que visitou Moscou, em janeiro de 1955, para receber ordens dos russos. Apelamos para o bom senso da nossa juventude. Não compareçam a esta farsa comunista. Não deixem que o nome de suas famílias seja registrado como comunista nos arquivos da polícia. Ajudem à sua Cruzada".

A partir do anúncio e das imagens, reflita sobre as questões:

- a. Como o comunismo é identificado pela Cruzada Anticomunista?
- b. Que alerta o anúncio faz à juventude brasileira?
- c. De acordo com as imagens, quais perigos e males o comunismo poderia levar a um país?
- d. Quais medidas poderiam ser tomadas para impedir o avanço do comunismo?

Above suas
respostas em
seu caderno

Seção 2

A democracia no Brasil

Você deve estar se perguntando: como estava o Brasil neste momento? Saiba que, do final do Estado Novo em 1945 até o golpe de 1964, a sociedade brasileira vivenciou um período democrático. Mas o que isso significou? Durante esses anos houve uma crescente participação política, inclusive de setores numerosos que antes quase não tinham espaço na vida pública e muitos desses setores se organizaram para tentar obter conquistas sociais. Mesmo diante das crises políticas e ameaças, as instituições democráticas funcionaram nesse período. Mas não é a simples existência de instituições que garantem um regime democrático; contudo, sua ausência é um sinal claro do estabelecimento de práticas autoritárias. Quais seriam e como funcionaram essas instituições democráticas? É sobre o funcionamento delas que falaremos mais um pouco.

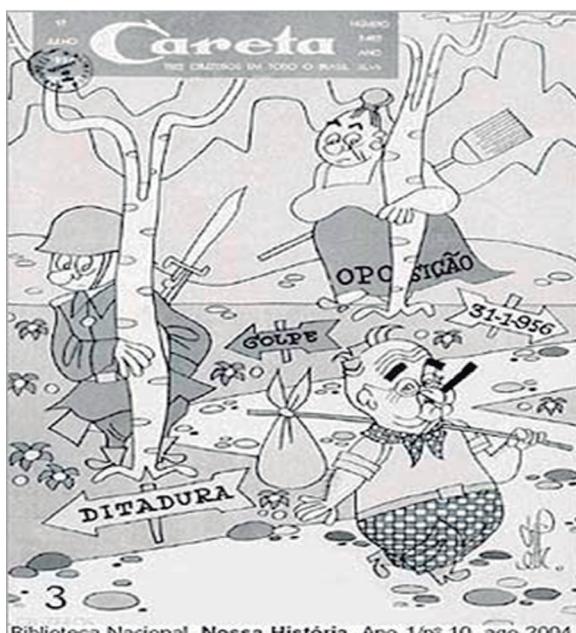


Figura 11: E a democracia no Brasil, como estava?

As instituições democráticas

De 1946 até o golpe de 1964, vigorou a Constituição de 1946, 4^a Constituição da República brasileira desde 1889. Já sabemos que a Constituição é a lei maior, a legislação máxima que rege um país. Nenhuma autoridade no país - até mesmo o presidente - e nenhuma outra lei podem estar acima da Constituição. Este documento foi promulgado, isto é, teve sua redação discutida, votada e aprovada pelos representantes escolhidos pelo povo, chamados de

constituintes, eleitos no começo de 1946.

A Constituição de 1946 manteve as principais características das constituições anteriores no que se refere à organização do Estado: república; federalismo, com a relativa autonomia dos estados; a separação dos Poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário); e o **presidencialismo**.

Presidencialismo

Sistema de governo no qual o presidente da república acumula as funções de Chefe de Estado (que representa os interesses do país) e de Chefe de Governo (que efetivamente governa, administra, nomeando ministros, propondo projetos de lei, etc).

Luiz Carlos Prestes foi constituinte em 1946. Você sabe quem foi ele? Por quais interesses e grupos ele lutou? Ele liderou a Coluna Prestes (1925-1927), na série de revoltas contra os governos oligárquicos na Primeira República, o que lhe rendeu o apelido. Participou do Levante Comunista de 1935, tendo sido preso de 1936 até o fim do Estado Novo. Sobre a Constituição que ajudou a escrever, Prestes declarou que "era uma Constituição aquém das necessidades do país, porém, verdadeiramente democrática."

Ao caracterizar a Constituição dessa forma, Prestes certamente tinha em mente o reconhecimento do pluripartidarismo, ou seja, a existência de vários partidos políticos. Os partidos políticos reúnem indivíduos e grupos que pensam a política de maneira semelhante, compartilhando propostas para a sociedade e para o país. Os principais partidos surgiram em 1945, último ano do Estado Novo, e atuaram até a proibição do pluripartidarismo, em 1965, durante a Ditadura Militar.

Tabela 1: PRINCIPAIS PARTIDOS NO BRASIL (1945-1965)

Partido	Base social	Principais Lideranças
Partido Social Democrático (PSD)	Proprietários rurais e lideranças ligadas aos ex-interventores do Estado Novo	General Eurico Gaspar Dutra; Juscelino Kubitschek
União Democrática Nacional (UDN)	Classe média urbana; profissionais liberais (médicos, professores, advogados, jornalistas); setores do empresariado	Brigadeiro Eduardo Gomes; Carlos Lacerda
Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)	Sindicatos urbanos e setores do empresariado	Getúlio Vargas, João Goulart, Leonel Brizola
Partido Comunista do Brasil (PCB)	Intelectuais e trabalhadores urbanos	Luiz Carlos Prestes

O maior partido do período, isto é, aquele que mais ocupou cargos eletivos foi o PSD, com um perfil nacionalista e de centro. Esse partido soube aproveitar-se da estrutura herdada do Estado Novo, com a presença de muitos **interventores**. O PSD foi seguido pela UDN, de perfil liberal-conservador. No começo dos anos 1960, a UDN perdia o posto de segundo maior partido do período para o PTB que, em 1962, elegeu o maior número de deputados federais na Câmara. Fortemente associado a Vargas, com o apoio de sindicatos, o PTB defendia o **trabalhismo**, além de ter um perfil **Nacional-estatista**. Já o PCB, apesar da cassação do seu registro eleitoral em 1947, atuou na clandestinidade, assumindo posturas nacionalistas e de esquerda. Mesmo impedidos de lançarem candidatos pela sua legenda, os comunistas apoiaram nomes nas eleições realizadas e lançariam candidatos por outros partidos.

Interventores

Equivalentes aos atuais governadores de estado, os interventores, no lugar de serem eleitos, foram nomeados por Getúlio Vargas durante a ditadura estadonovista.

Trabalhismo

Ideologia criada durante o Estado Novo, através da máquina de propaganda do DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda -, buscou conquistar a adesão e apoio da classe trabalhadora ao governo de Getúlio Vargas. A democracia social, a valorização do trabalho e do trabalhador foram possíveis graças à ação direta do presidente, e não por lutas e conquistas operárias. Foi com essa associação, entre trabalho e Getúlio que foi possível o desenvolvimento do mito getulista, que ficou conhecido como “pai dos pobres”.

Nacional-estadista

Apesar das diversidades das mais variadas entre as nações latino-americanas e de diferentes iniciativas neste sentido, o nacional-estadismo pode ser entendido como um ambicioso projeto que pretendeu construir um desenvolvimento nacional autônomo dentro do mercado capitalista internacional. Tinha como principais características um Estado fortalecido e intervencionista; um planejamento centralizado; um partido nacional que reunia as diferentes classes sociais em torno de uma ideologia nacional e de lideranças carismáticas, numa associação acordada entre Estado, patrões e trabalhadores. Criticavam os princípios do capitalismo liberal, defendendo a lógica dos interesses nacionais e da justiça social, que apenas um Estado intervencionista e regulador podia garantir.

Atividade

2

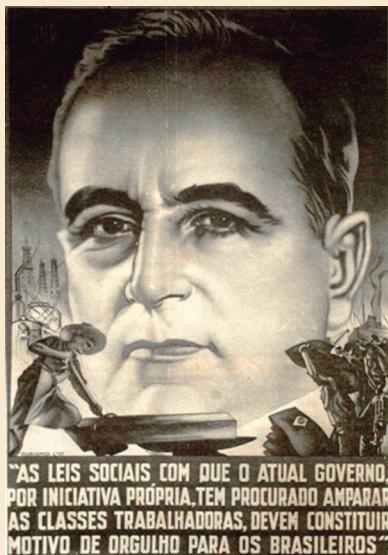


Figura 12: Propaganda DIP

Observe, atentamente, a propaganda oficial da política social de Getúlio Vargas durante o Estado Novo.

a) A propaganda apresenta os direitos trabalhistas como um benefício dado pelo governo ou como resultado das lutas da classe trabalhadora? De que maneira esta propaganda se relaciona com o conceito de trabalhismo visto nesta seção?

b) Retire do texto um trecho que caracterize a ideologia trabalhista.

Anote suas respostas em seu caderno

Pesquisas realizadas nos principais centros urbanos do país, no começo da década de 1960, indicaram níveis de preferência partidária semelhantes aos das democracias mais amadurecidas na Europa Ocidental e nos EUA. Isso significa que os eleitores desenvolveram preferências por partidos e votavam com eles. Talvez tenha contribuído para isso a regularidade, de 1945 a 1964 na realização de eleições para o Poder Legislativo e para o Poder Executivo. Mas afinal, quem era esse eleitor e como os eleitos chegavam ao poder?

Em todas as eleições, havia o voto direto, isto é, a população escolhia diretamente aqueles que iriam exercer os cargos para os quais concorriam. Houve ao longo dos anos um aumento na participação popular nas eleições. Isso aconteceu, em parte, pelo fato da Constituição de 1946 ter mantido os critérios para participação política definidos no último ano do Estado Novo: o voto no Brasil era secreto e obrigatório (como é até hoje) para os maiores de 18 anos, que deveriam obter seu registro eleitoral por meio do título de eleitor. Isso valia tanto para homens quanto para mulheres. Apesar disso, mantinha-se a exclusão dos analfabetos, que não podiam votar nem serem votados.

Além das eleições, que outros elementos o Brasil possuía para ser considerado uma democracia? Em um regime democrático, além da existência de instituições como a Constituição, os partidos políticos, as eleições diretas e os poderes independentes, também são fundamentais os direitos civis, entendidos enquanto direitos individuais,

que protegem o indivíduo de perseguições e ações de outros indivíduos e do Estado. Assim, a Constituição também estabelecia importantes direitos como a liberdade religiosa, a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa e o ***habeas corpus***.

Habeas corpus

Expressão que vem do latim, se refere à medida que visa proteger o direito de ir e vir. É concedido sempre que alguém sofrer ou se achar ameaçado de sofrer violência ou coação em sua liberdade de locomoção, por ilegalidade ou abuso de poder. Quando há apenas ameaça a direito, o *habeas corpus* é preventivo.

Em relação à liberdade de expressão e à liberdade de imprensa, só na cidade do Rio de Janeiro existiam mais de 20 jornais que assumiam seu posicionamento político e apoiavam partidos (até os comunistas tiveram seus jornais). Alguns jornais apoiavam o governo, outros eram contrários e alguns ficavam em cima do muro, sem adotar uma única posição, ora concordando, ora discordando. O importante para a democracia é que com certa frequência os mesmos episódios eram noticiados com pontos de vista bastante diferentes, permitindo aos eleitores observá-los por diversos prismas e formular as suas conclusões de modo mais fundamentado. Por sua vez, o *habeas corpus*, expressão que vem do latim, é um instrumento de defesa do cidadão contra a prisão injusta, através do qual pode obter sua liberdade. Não é à toa que o *habeas corpus* é uma das primeiras vítimas dos regimes autoritários que se utilizam da intimidação e da violência para tentar conter as insatisfações e as oposições.

Foi nesse ambiente que de maneira crescente ampliou-se a participação de diferentes setores da sociedade. Nas cidades, os trabalhadores sindicalizados encontravam nas greves a oportunidade de reivindicarem melhorias nas suas condições de vida e trabalho, organizando atos para conseguir conquistas trabalhistas e políticas. No campo, principalmente a partir da segunda metade da década de 1950, assistiu-se a uma intensa mobilização dos trabalhadores rurais que buscavam direitos. A fim de chamarem a atenção da imprensa e do poder público, as manifestações dos trabalhadores do campo também escolhiam as cidades como seus principais cenários. Nas cidades, estavam as sedes das instituições políticas com capacidade de intervenção, além dos jornais que davam visibilidade para as causas, permitindo que outras pessoas soubessem das condições dramáticas vividas por muitos. Não é por acaso que lideranças políticas emergiam dessas lutas enquanto outras procuravam associar-se a essas causas.

As crises políticas da república: legalismo e golpismo

O legalismo e o golpismo conviveram no contexto democrático com o livre debate de ideias, porém, o respeito às posições diferentes não foi observado em todo período. A cassação do registro eleitoral do PCB e os ataques à imprensa ligada aos comunistas exemplificam muito bem isso. A repressão e a violência policial contra sindicatos de trabalhadores também aconteciam. Além disso, não raro alguns grupos chegaram a defender o recurso à ruptura ins-

titucional, ou seja, a alteração das leis, das regras do jogo político, desrespeitando a legislação vigente. Abertamente alguns setores chegaram a defender em mais de uma ocasião o recurso ao golpe de estado, com o uso da força para afastar ou derrubar governantes democraticamente eleitos pelo povo. Nessas ocasiões, a República Brasileira atravessou graves crises políticas nas quais se opuseram *golpistas* de um lado e *legalistas* do outro, defensores do cumprimento e do respeito à Constituição e às leis. As principais crises aconteceram em 1954, 1955, 1961 e 1964.

Em agosto de 1954, após o atentado contra o principal nome da oposição, o jornalista Carlos Lacerda da UDN, instaurou-se um forte clima golpista contra o presidente Vargas, acusado de estar envolvido no crime. O desfecho dessa crise foi traumático: Vargas comete suicídio no dia 24.



Figura 13: Manchete do jornal Última Hora no dia do suicídio do presidente Getúlio Vargas. 24 de agosto de 1954

O surpreendente, no entanto, foi que sua morte promoveu uma forte reação popular, com pessoas saindo às ruas, principalmente na Capital Federal, o Rio de Janeiro, à época. Os manifestantes enfrentaram a polícia, atacaram bancas de jornal, incendiaram a sede de um importante jornal de oposição, além de apedrejarem a embaixada dos EUA. Os que participaram dessas manifestações consideravam seus alvos responsáveis pela morte do presidente. A forte e inesperada mobilização popular inviabilizou qualquer ação golpista que era estimulada pela oposição. Isso permitiu que o vice-presidente da república, João Café Filho, assumisse a presidência para concluir o mandato de Vargas que se estenderia até 31 de janeiro de 1956.



Figura 14: Cortejo fúnebre do presidente Getúlio Vargas na praia do Flamengo, agosto de 1954



Figura 15: Cortejo fúnebre do presidente Getúlio Vargas na praia do Flamengo, agosto de 1954

Café Filho, porém, não governaria até 1956. Em novembro de 1955 acontece uma nova crise. Um mês após as eleições presidenciais vencidas por Juscelino Kubistchek (PSD), que tinha como vice João Goulart (PTB) - considerado o herdeiro político de Vargas - novamente instalou-se um ambiente golpista estimulado pela UDN. Esse partido perdia sua terceira eleição presidencial desde 1945. Junto com alguns militares, os udenistas afirmavam que os vitoriosos tinham recebido apoio dos comunistas. Mais uma vez, o medo da implantação do comunismo serviu de justificativa para medidas que iam contra o governo e a legislação estabelecida.

No meio da crise, o presidente Café Filho se licencia do cargo alegando problemas cardíacos. Este gesto deixou o caminho livre para os golpistas, pois quem assumiu a presidência foi Carlos Luz, presidente da Câmara dos Deputados. Sucessor legal de Café Filho, Luz já havia demonstrado simpatia aos golpistas. Temeroso de que a Constituição de 1946 fosse descumprida com o impedimento da posse dos eleitos, o Ministro da Guerra, General Henrique Teixeira Lott, em nome da legalidade, comandou uma intervenção que afastou Carlos Luz da presidência. Esse movimento ficou conhecido como "golpe preventivo" ou "novembrada" (11/11/1955). Dessa forma, o general Lott garantiu o respeito ao resultado eleitoral, com JK e João Goulart tomando posse no ano seguinte.

A terceira crise do período ocorreu em 1961. Em 25 de agosto daquele ano, Jânio Quadros alegando "forças terríveis" renunciou à presidência da República, menos de sete meses depois de ter tomado posse no cargo. Jânio venceu as eleições com apoio da UDN, adotando um discurso de combate à corrupção e tendo como símbolo de campanha a vassoura para "varrer a bandalheira". Mas, em uma época em que as eleições para presidente e para vice-presidente eram separadas, João Goulart (PTB), o segundo candidato mais votado, foi eleito vice. Assim, após a renúncia, o problema era a forte oposição ao vice João Goulart que sofria rejeição dos udenistas, de setores militares e daqueles que temiam sua simpatia pelas ideias comunistas. Para piorar, no dia da renúncia, Goulart se encontrava fora do país, regressando de uma visita à China Comunista. Do Rio Grande do Sul, o governador Leonel Brizola (PTB) denunciava o golpe em curso por meio do rádio e, com apoio do Exército, organizou uma resistência armada para garantir a posse de João Goulart.

Diante do risco de uma guerra civil no país, entre os partidários de Goulart que defendiam a legalidade da sua posse e os golpistas que queriam impedi-la, o Congresso Nacional reuniu-se para uma tentativa de acordo: a aprovação de uma emenda constitucional, ou seja, uma alteração à Constituição de 1946, que substituía o presidencialismo pelo **parlamentarismo**. Desse modo, Goulart tomaria posse como presidente, porém, seus poderes ficavam limitados. Quem governaria o país seria um Primeiro Ministro, escolhido pelo Congresso.

Parlamentarismo

O parlamentarismo é um sistema de governo em que o Executivo depende do apoio direto ou indireto do Parlamento para governar e ser constituído.

João Goulart aceitou tomar posse, mas ao assumir a presidência, conseguiu promover o retorno do presidencialismo em janeiro de 1963. Por meio de um plebiscito – uma consulta popular – 90% dos votantes rejeitaram o parlamentarismo. Pouco mais de um ano depois, em uma conjuntura de forte mobilização política no país, tanto à direita quanto à esquerda, Goulart foi deposto ao sofrer um golpe de estado. A Constituição de 1946 era clara ao estabelecer os critérios de posse e de continuidade de um presidente no poder. Recorrendo-se à força, setores militares com apoio de lideranças civis desrespeitaram as leis e promoveram a derrubada de Goulart, que optou por não resistir, impedindo assim a deflagração de um conflito civil. Essa ação de ruptura com as normas legais não seria a única. Nos meses e nos anos seguintes, outros direitos e leis seriam suprimidos, colocando fim à experiência democrática iniciada com o término da ditadura do Estado Novo, lançando o país em um novo período autoritário.

Seção 3

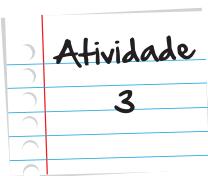
A busca do desenvolvimento e seus desdobramentos

Conforme acabamos de ver, na década de 50, o Brasil vivenciava o regime democrático. E quanto à economia, o que mudou? Nas décadas de 1950 e 1960, o principal debate econômico no país foi o da busca do desenvolvimento, entendido enquanto um processo de industrialização e de urbanização, semelhante àquele travessado por países da Europa Ocidental e pelos EUA. Somente o desenvolvimento industrial e urbano poderia deixar para trás o passado agrário exportador, gerador de atraso, miséria e pobreza, marcas visíveis do que se convencionou chamar de subdesenvolvimento.

Nessa discussão, desde fins da década de 1940, o debate em torno da exploração do petróleo existente no Brasil produziu duas posições confrontantes: de um lado os chamados "nacionalistas" que sustentavam a necessidade de uma empresa com capitais nacionais, controlada pelo Estado brasileiro, que tivesse o monopólio na exploração do óleo, importante matriz energética e matéria prima da indústria. Do outro lado, os "liberais", que seriam pejorativamente chamados de "entreguistas" pelos nacionalistas, pois supostamente sua proposta entregava o petróleo do país aos estrangeiros. Os liberais defendiam a abertura aos capitais estrangeiros para financiar a exploração do petróleo, por considerarem que o Brasil não possuía tais recursos. Entendiam ainda que essa atividade deveria ser deixada nas mãos de empresas privadas que tinham maior capacidade, tecnologia e organização para a iniciativa, permitindo que elas pudessem competir entre si, com a livre-concorrência.

Os nacionalistas organizaram uma grande campanha que contou com a adesão de diferentes partidos e setores da sociedade – a campanha "o Petróleo é nosso", cujo principal resultado foi alcançado em 1953, com a criação da Petrobrás, empresa nacional, controlada pelo Estado e monopolista.

Com base nas diferentes propostas para exploração do petróleo existente no Brasil em fins dos anos 1940 e começo da década de 1950, preencha o quadro a seguir:



	"Nacionalistas"	"Liberais/ Entreguistas"
Origem dos capitais e investimentos (nacionais ou estrangeiros)		
Controle da exploração (estatal ou privado)		
Modelo de exploração (monopolista ou livre concorrencial)		

Anote suas respostas em seu caderno

A temática do desenvolvimento se tornaria uma espécie de obsessão nacional durante a presidência de Juscelino Kubitschek (1956-1961). Para isso, o presidente anunciava o Plano de Metas, baseado no **nacional-desenvolvimentismo**. Com objetivos e prazos que deveriam ser atingidos, o Plano de Metas previa a expansão de setores como infraestrutura, transportes e energia, num total de 31 metas. A 31ª meta, chamada de meta-síntese, procurava resumir os objetivos do plano e se constituir em um símbolo do Brasil que se pretendia para o futuro: a construção de uma nova capital, Brasília, símbolo do desenvolvimento, da integração e da modernidade do país.

Nacional-desenvolvimentismo

Expressão que significava um projeto de desenvolvimento nacional que implicava na necessidade do Estado atuar no planejamento econômico e no financiamento da produção, não excluindo o capital estrangeiro.

Não foi à toa que JK convidou o arquiteto Oscar Niemeyer e o urbanista Lúcio Costa para projetarem os prédios públicos e o traçado da nova capital. Brasília foi pensada para se contrastar com o Brasil agroexportador, em uma imagem do país desenvolvido que se queria construir. Além de ser um símbolo, com Brasília pretendia-se interiorizar a ocupação do território brasileiro, até então bastante concentrada no litoral, além de estimular o desenvolvimento de outras regiões.

A novidade diante do Plano de Metas era o papel do capital estrangeiro. Para lideranças como Getúlio Vargas, o Plano de Metas era visto com desconfiança e não raro considerado prejudicial aos interesses nacionais, mas para JK, o capital estrangeiro era indispensável para promoção do desenvolvimento. Com isso, o Plano de Metas procurava reunir condições para atrair esses capitais, através de medidas favoráveis para que empresas estrangeiras se instalassem no país. Esse tipo de investimento, de médio e longo prazo, trazia consigo a noção de que ao abrir uma fábrica no país, os capitais estrangeiros estariam gerando emprego, pagando salários e impostos, adquirindo matéria prima, ou seja, incentivando a atividade econômica como um todo. Foi assim que uma das principais indústrias atraídas foi a automobilística.

O Plano de Metas conseguiu promover uma industrialização e urbanização aceleradas, modificando o perfil do Brasil, que passava a ser predominantemente urbano, com a indústria superando a agricultura na composição do PIB (Produto Interno Bruto), o conjunto de riquezas geradas pelo país. Mas nem tudo eram flores nesse crescimento urbano e industrial do país, pois da maneira como foi colocado em prática, o Plano não conseguiu alcançar um dos seus principais objetivos: o de reduzir as desigualdades regionais, gerando consequências que até hoje são sentidas nas grandes cidades do país, como o Rio de Janeiro.

A ampliação da oferta de emprego em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo acelerou o êxodo rural, intensificando as migrações do norte/nordeste do país em direção ao sul/sudeste. As cidades não estavam preparadas para receber os novos habitantes, o que promoveu processos como o inchaço urbano, a periferização e a favelização, até hoje notados.

A maior quantidade de pessoas nas cidades teve como contrapartida a diminuição da população no campo, o que trouxe ainda outro problema: com mais pessoas nas grandes cidades precisando alimentar-se e menos braços no campo para produzir, houve uma diminuição da produção agrícola, acompanhada da elevação do preço desses gêneros em função da maior procura. Na cidade, as possibilidades e o espaço de produção do próprio alimento são menores que no campo. Com isso verificava-se o problema da carestia, expressão da época que se referia à escassez do produto acompanhada do aumento do preço.

Não é de se estranhar que, nesse período, tenham se ampliado na região nordeste as Ligas Camponesas. Surgidas em Pernambuco, em 1955, sob a liderança do advogado Francisco Julião, as ligas procuravam organizar os camponeses para evitarem o êxodo rural, permanecendo no campo, com acesso à terra e em melhores condições.

Em pouco tempo, essa forma de organização se espalharia e a reforma agrária passaria a ser vista como solução para os camponeses e medidas necessária para o desenvolvimento do país. Isto não só reduziria o êxodo rural, como ao fixar o homem no campo, promoveria um aumento e barateamento da produção de alimentos, além de reduzir os problemas urbanos da periferização e da favelização, ocorridos com o inchaço das cidades.

Para dar conta dessas questões e demandas no campo e na cidade, e ao mesmo tempo promover o desejado crescimento econômico, no governo de João Goulart (1961-1964), o presidente e seus colaboradores mais próximos julgavam que para retirar os obstáculos do desenvolvimento, a ação do Estado se faria necessária. Foi dessa maneira que o governo Goulart propôs, em 1964, a realização das Reformas de Base. Suas principais propostas foram:

Reforma agrária: voltada para a estrutura fundiária, promoveria a desconcentração da propriedade rural.

Reforma urbana: pretendia proteger os inquilinos nas cidades, com a revisão da lei de aluguéis.

Reforma tributária: procurava escalaronar a cobrança de tributos, cobrando mais daqueles que ganhavam mais.

Reforma política: ampliação da participação política, estendendo o direito de voto aos analfabetos.

Reforma educacional: buscava aumentar o acesso à educação, em especial, à educação superior.

Essas propostas reformistas foram fortemente combatidas por setores conservadores, como latifundiários, parte da classe média, empresários, políticos e alguns militares, que viam nas reformas o risco de expansão do comunismo. As greves e demais manifestações, típicas de um regime democrático, passaram a ser consideradas como sinais de desordem e baderna.

As Reformas de Base chegaram a receber apoio popular, como demonstra a realização de um grande comício no Rio de Janeiro, no dia 13 de março de 1964. Nessa manifestação, 300 mil pessoas se reuniram na Central do Brasil.



Figura 16: Comício de 13 de março de 1964



Figura 17: Comício de 13 de março de 1964

Mas esses grupos esbarravam em setores contrários, que também organizaram manifestações, como a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que conseguiu reunir cerca de 500 mil pessoas em São Paulo, no dia 19, contra o governo Goulart e as reformas propostas.

O relativo equilíbrio das Forças Armadas diante da forte mobilização da sociedade seria rompido após a Revolta dos Marinheiros, simpáticos às reformas de Goulart, o que aconteceu no Rio de Janeiro, de 23 a 26 de março. Muitos oficiais consideraram a ação inadmissível, pois representava a quebra de dois princípios considerados fundamentais pelas Forças Armadas: a disciplina e a hierarquia. Assim, em meio à crise econômica e à radicalização política, no dia 31 de março, militares do Exército com apoio de setores civis, iniciaram o processo que culminaria com a deposição do presidente João Goulart. Em nome da legalidade e da democracia, promoviam um golpe que desrespeitava os princípios que diziam defender. Desse modo, chega ao fim mais uma experiência democrática brasileira e inicia-se um dos mais sangrentos momentos da nossa História, o regime autoritário após o golpe militar de 1964.



Figura 18: João Goulart na reunião da Associação dos Sargentos no Automóvel Clube (RJ), às vésperas do golpe civil-militar ao seu governo



Observe a manchete do Jornal "Última Hora" de 14 de março de 1964.

A reportagem faz referência às primeiras medidas de João Goulart para implementação das Reformas de Base. Faziam parte das Reformas propostas: reforma agrária, com a divisão dos latifúndios improdutivos; reforma universitária, com a ampliação do número de vagas nas universidades; reforma eleitoral, com direito de voto aos analfabetos e controle da remessa de lucros para o exterior. Por que as propostas existentes nas Reformas de Base do governo Goulart aceleraram o golpe civil-militar de 1964?

Atividade

4

Anote suas
respostas em
seu caderno

Resumo

- Brasil e América Latina sofreram os impactos da Guerra Fria promovida por EUA e URSS. De maneiras diferentes, as nações latino-americanas atuaram e reagiram às ideologias apresentadas pelas duas maiores nações da época.
- O período democrático brasileiro (1945-1964) representou importante vitória dos setores trabalhistas, bem como uma experiência democrática única na então, recente República brasileira.
- Apesar dos períodos democráticos, os povos latino-americanos conviveram com regimes autoritários e posturas conservadoras de parte das lideranças políticas locais.
- O medo do comunismo provocou reações entre os setores conservadores das nações latino-americanas que acabaram por desencadear regimes autoritários e ditatoriais por toda a América Latina.

- No Brasil, a preocupação com a comunização barrou importantes reformas políticas e sociais que o governo João Goulart pretendia instalar na sociedade brasileira. O golpe civil-militar brasileiro freou mudanças sociais mais profundas e provocou feridas que ainda hoje não foram completamente cicatrizadas em nosso país.

Veja ainda

- **Filme:** *Treze Dias que abalaram o mundo*. Direção de Roger Donaldson. EUA, 2000. Ficção, 145 min.
- **Filme:** *Evita*. Direção de Alan Parker. EUA, 1996. Biografia musical, 134 min.
- **Filme:** *Jango*. Direção de Sílvio Tendler. Brasil, 1984. Documentário, 115 min.
- **Filme:** *Os Anos JK - uma trajetória política*. Direção de Sílvio Tendler. Brasil, 1980. Documentário, 35mm, 112 min., Caliban.
- **Filme:** *Jânio a 24 Quadros*. Direção de Luís Alberto Pereira. Brasil, 1981. Documentário, 35mm, 84 min.



O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV) detém inúmeras fontes, imagens, vídeos e depoimentos sobre o período republicano brasileiro. Vale a pena conferir! Acesso em: <http://cpdoc.fgv.br>

Bibliografia Consultada

- FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano, vol. 3: o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerda e sociedade*. 3ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 84pp.
- REIS, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste. *O século XX, vol.2: o tempo das crises: revoluções, fascismos e guerra*,. 4ª edição. Rio de janeiro: Civilização brasileira, 2008. 302pp.

- SANTOS, Georgina dos; FERREIRA, Jorge; FARIA, Sheila de Castro e VAINFAS, Ronaldo. *História: volume único*. 1ª edição. São Paulo: Saraiva, 2010. 896pp.

Imagens

Figura 1: Charge de Diego Novaes

Figura 2: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:VietnamMural.jpg>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=33580>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=36126>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=36126>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=41555>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=41555>

Figura 3: http://www.washingtonpost.com/wp-adv/advertisers/russia/articles/features/20090826/the_amERICAN_arival.html

Figura 4: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/1f/Tr-bigstick-cartoon.JPG/250px-Tr-bigstick-cartoon.JPG>

Figura 5: http://farm5.staticflickr.com/4096/4895823605_5162d7735c_z.jpg

Figura 6: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Eva%26Juan.jpg>. Caras y Caretas nº.2236

Figura 7: http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_fria

Figura 8: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=33307>

Figura 9: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=33307>

Figura 10: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=51437>

Figura 11: http://www.puc-rio.br/vestibular/repositorio/provas/2005/historia_obj-g1.html

Figura 12: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/DireitosSociaisTrabalhistas/IdeologiaTrabalhismo>

Figura 13: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=31770>

Figura 14: http://www.alerj.rj.gov.br/livro/pag_113.htm

Figura 15: http://www.alerj.rj.gov.br/livro/pag_114.htm

Figura 16: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=25177>

Figura 17: <http://correiodobrasil.com.br/destaque-do-dia/a-revolucao-chegou-vamos-a-revolucao-2/622086/>

Figura 18: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/album>

Figura 19: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=32097>

Figura 20: <http://cpdoc.fgv.br>

Atividade 1

- a. O anúncio defende a ideia de que o comunismo é uma grande farsa, sendo algo negativo, caso de polícia.
- b. O anúncio alerta a juventude para que não caia na farsa do comunismo, marcando e desonrando os nomes de suas famílias nos arquivos policiais.
- c. O comunismo é visto como sinal de desordem e violência.
- d. Será necessário intervir nos países em crise oferecendo ajuda financeira para a resolução dos problemas econômicos e promovendo medidas para melhorar a vida dos trabalhadores.

Atividade 2

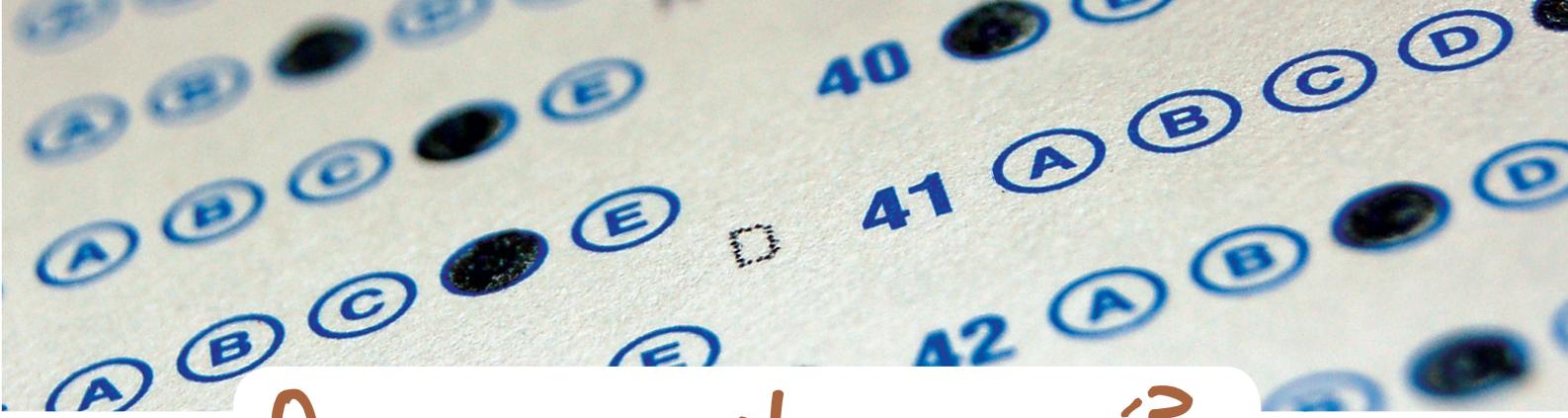
- a. A propaganda do DIP apresenta os direitos trabalhistas como um benefício dado pelo governo. Ela se relaciona com o conceito de trabalhismo, pois o DIP procurou conquistar a adesão e o apoio da classe trabalhadora apresentando a democracia social e os direitos trabalhistas como ações diretas promovidas pelo presidente e não por lutas e conquistas operárias.
- b. “as leis trabalhistas com que o atual governo por iniciativa própria, têm procurado amparar as classes trabalhadoras...”

Atividade 3

Origem dos capitais e investimentos: “Nacionalistas” - Nacionais, “Liberais/Entreguiistas” - estrangeiros; Controle da exploração: “Nacionalistas” - Estatal, “Liberais/Entreguiistas” - Privado; Modelo de exploração: “Nacionalistas” - Monopolistas, “Liberais/Entreguiistas” - livre concorrencial.

Atividade 4

Porque as propostas reformistas apresentadas pelo governo Goulart foram interpretadas pelos setores conservadores, como latifundiários, parte da classe média, empresários, políticos e alguns militares, como um risco de expansão do comunismo. As greves e demais manifestações passaram a ser consideradas como sinais de desordem e baderna.



O que perguntam por aí?

Questão 1 - (Enem-2006)

A moderna democracia brasileira foi construída entre saltos e sobressaltos. Em 1954, a crise culminou no suicídio do presidente Vargas. No ano seguinte, outra crise quase impediu a posse do presidente eleito, Juscelino Kubitschek. Em 1961, o Brasil quase chegou à guerra civil depois da inesperada renúncia do presidente Jânio Quadros. Três anos mais tarde, um golpe militar depôs o presidente João Goulart, e o país viveu durante vinte anos em regime autoritário.

A partir dessas informações, relativas à história republicana brasileira, assinale a opção correta.

- a. Ao término do governo João Goulart, Juscelino Kubitschek foi eleito presidente da República.
- b. A renúncia de Jânio Quadros representou a primeira grande crise do regime republicano brasileiro.
- c. Após duas décadas de governos militares, Getúlio Vargas foi eleito presidente em eleições diretas.
- d. A trágica morte de Vargas determinou o fim da carreira política de João Goulart.
- e. No período republicano citado, sucessivamente, um presidente morreu, um teve sua posse contestada, um renunciou e outro foi deposto.

Resposta: E

Questão 2 - (UFJF- PISM 3/tríennio 2010-12)

Leia as duas versões de "O bonde de São Januário", samba de Wilson Batista e Ataulfo Alves que fez sucesso no carnaval de 1941. Após a intervenção do Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo, a música tornou-se um sucesso no rádio.

<p>(1) No carnaval de 1941 Quem trabalha não tem razão Eu digo e não tenho medo de errar O bonde de São Januário leva mais um sócio otário sou eu que não vou trabalhar</p>	<p>(2) No rádio Quem trabalha é quem tem razão Eu digo e não tenho medo de errar o bonde de São Januário Leva mais um operário Sou eu que vou trabalhar</p>
--	--

Disponível em: <<http://www.instituto.org.br/blog/?p=27>>. Acesso em: 28 de outubro de 2012.

- a. Compare as duas letras da música e responda ao que se pede.
- I. O que se pode dizer sobre o valor do trabalho e do trabalhador em cada uma delas?
- II. Em que sentido essa alteração se adequava ao projeto político do Estado Novo?
- b. O Estado Novo inaugura uma nova forma de legitimação calcada numa política cultural. Explique a atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda na legitimação do regime inaugurado em 1937.

Resposta:

- I. O candidato deverá destacar, a partir dos textos, a depreciação do trabalho e do trabalhador no texto 1 e a valorização do trabalho e do trabalhador no texto 2, indicando essa transformação.
- II. O candidato deverá relacionar a alteração na letra da música à criação da legislação social no período do Estado Novo; indicar a valorização do trabalho e do trabalhador como parte das estratégias de legitimação do regime político autoritário

O candidato deverá relacionar o uso da cultura popular, do rádio e da imprensa às estratégias de legitimação do regime político autoritário; poderá destacar a atuação do DIP e de outros aparatos, como o Ministério da Educação, na censura política à imprensa escrita e falada, bem como na criação cultural, tendo em vista a legitimação do regime; poderá destacar a criação de ritos cívicos, como o 1º de Maio, o aniversário de Vargas, a Semana da Pátria, como formas de legitimação política.

